



*Thomas Pitt*

*Est. à la Cour de Paris B.A. de L.*

## THOMAZ RIBEIRO

### I



rassou, ha annos, entre nós uma doença, de que enfermaram espiritos sinceros : a exaggeração de melancholia litteraria. Tremeu-se pelos destinos da poesia, immortal como o sentimento. Viu-se quebrado o instrumento sublime que faz vibrar todas as cordas da alma humana. Exhausto o manancial onde a inspiração se banha e fortalece. Destronada a realza imperecivel dos poetas, a cujo sceptro de ouro se acurvam as multidões, absortas e escravas, quer delirem frementes de enthusiasmo na febre da victoria, quer gelem de terror ante a explosão tremenda dos revezes.

Quando a escuma e o limo das vinganças fluctuam á tonda das sociedades ; quando emancipados da escravidão humilhante de seculos os povos se precipitam da liberdade honesta e viril, na licença cynica e hedionda, e o scepticismo ergue petulante a cabeça sobre as ruinas de todas as crenças ; acaso não caminha quasi a passo equal o archanjo da poesia a dissipar os phan-

tasmas sinistros, a alentar os animos, a evocar a bonança do seio da tormenta? Providencia das nações allucinadas, alumia-lhes as profundezas obscuras do caminho a trilhar, e descerra-lhes as perspectivas encantadas, onde se recortam no céu azul, inundadas de luz, as cumiadas brilhantes da liberdade e da fé. Maná celeste, refrigera as almas devastadas. Balsamo divino de esperança e religião, sára as feridas gotejantes da impiedade e atheismo.

Sobre a *Encyclopedia* ergue-se magestoso o *Genio do Christianismo*, na aurora nascente d'este seculo. Ás gargalhadas estridentes de Voltaire, á malicia incredula de Parny succedem os *Martyres*, monumento de paixão e eloquencia, orvalhado das lagrimas de Chateaubriand vertidas na mesma Jerusalem, onde dezoito seculos antes chorára a Magdalena.

Na vizinha Hespanha, hesitante entre as visões sombrias do absolutismo decrepito e os horisontes da liberdade politica avermelhados pelos clarões da guerra civil, Martinez de la Rosa, e Angelo de Saavedra, depois duque de Rivas, luctavam nobremente pela alliança das crenças poeticas e religiosas com os sentimentos e instituições liberaes, tão oppostas ás abjecções do despotismo como ás saturnaes da anarchia.

Entre nós, apoz a victoria das idéas novas, quentes ainda as bocas dos canhões, ennegrecidos do fumo das batalhas os rostos dos combatentes, póde dizer-se, que os derradeiros brados de vingança, trovejados do alto dos pulpitos convertidos em tribuna politica por apóstolos fanaticos de retrocesso social, se cruzaram nos ares com as melodias austeras e eloquentes da *Voz do Propheta* e da *Harpa do Crente*.

Interpretes de uma musa inspirada e christã, tão sincera na crença como calorosa nas idéas, aquellas melodias, suaves como os sons do orgão, cantavam a pureza da religião, o restabelecimento dos altares abatidos no pó da metralha, as ceremonias poeticas do culto, proscriptas dos santuarios desertos, não as divorciando, mas sim associando-as á liberdade vencedora.

A causa da verdadeira, da pura liberdade ornava-se com as mais viçosas flores da litteratura e da poesia. Nos alahudes romanticos desferiam-se canções de amor, perfumadas do incenso mystico das aras sagradas.

Alexandre Herculano e Almeida Garrett, soldados e poetas, bardos guerreiros das victorias da ilha da Praia e da Asseiceira, temperavam os canticos triumphaes com os hymnos da fé. Armando-se, como a Pallas mythologica, o genio poetico dos dois cantores da liberdade, isempta de manchas e pura de crimes,

dava batalha ás imprecações atheas do Bocagianismo, ás audaciãs blasphemias da «pavorosa illusão», reluzentes de pompas metricas. Aos primeiros golpes caíam no chão estatelados os velhos idolos! Como por milagre, estancavam os mananciaes empeçonhados do materialismo senil do seculo XVIII, espraian-do-se limpida e caudal a corrente do lyrismo christão, liberal, philosophico e espiritualista.

Em 1848, n'essa França, que é ao mesmo tempo facho deslumbrante de luz e volcão temeroso de incendios, não se viu serenar um grande poeta as vagas irritadas da democracia, preservando as nações da guerra sanguinolenta, cujo theatro occuparia pelo menos o continente europeu, de Lisboa a S. Petersburgo? A Europa deveu então a paz a Lamartine! O grande poeta — e grande coração tambem — represára nos diques da mais assombrosa eloquencia a torrente ameaçadora.

Quando os poetas obram prodigios taes, como acreditar não estarem predestinados a missão providencial e salvadora nas sociedades humanas?

## II

Apesar da evidencia irrecusavel d'esta verdade, os criticos melancolicos julgaram-n'a para sempre dispersa, vagabunda e errante como a raça d'Agamemnon, a nobre familia dos poetas! Suspiraram elegias sobre a desventurada poesia, condemnada a succumbir, como expira na haste o lyrio dos campos, ferido pelo ferro da charrua. Apavorou os criticos o mercantilismo invasor da época. No sentir d'elles, a vida complexa da civilisação actual, as preocupações utilitarias haviam de suffocar as aspirações ao ideal. O estridor das machinas ululando nas manufacturas, os eccos confusos da orchestra immensa do trabalho abafariam os gemidos poeticos da dôr, as canções festivas da esperanza. Emmudeceriam as harmonias e murmurios do lyrismo, sussurrantes no mais secreto das almas como brisas na folhagem de bosque cerrado e frondoso. A tuba épica, quem a embocaria n'uma sociedade, onde só fende os ares o silvo agudo da machina de vapor, ou o apito nocturno dos guardas municipaes? Como exhalar em notas elegiacas as traições do coração e os tormentos da saudade, no centro de uma atmosphaera caliginosa e opaca de gazometros, de fabricas de moagem, de lanificios, de pelames, tão outra dos céus retinctos do rubor matinal d'aquella alvorada confidente dos colloquios de Romeo e Julieta; atmosphaera onde nenhum astro elemente espira

suave claridade, e apenas bruxelea, a espaços, o clarão das locomotivas, flammejante como o olho do Cyclope?

Aos pios agoureiros dos mochos litterarios responderam as vozes entusiastas e juvenis de uma pleiada de poetas, opulentos de phantasia.

Na historia da arte moderna, o *Trovador* de Coimbra é mais do que um marco milliarario, é um monumento ornado de todas as graças do lyrismo moderno.

Castilho e Mendes Leal remontavam ás mais elevadas regiões do estro. Bulhão Pato illuminava composições deliciosas com o fogo voluptuoso e apaixonado da musa peninsular. Palmeirim vibrava a lyra patriotica e popular de Béranger. Soares de Passos acordava os eccos commerciaes do Porto com doces elegias. João de Lemos, Augusto Lima, e Rodrigues Cordeiro soltavam cantos inspirados.

Que revelavam tantos fructos dourados a resplandecerem nos vergeis da poesia, senão que ella é imperecivel como a consciencia nacional?

De feito, o theatro, o romance, a poesia são as manifestações d'essa consciencia, a qual se reflecte na litteratura d'imaginação como n'um espelho fiel. A vida moral das nações affirma-a esta litteratura, órgão do pensamento geral, interprete do crer e sentir do povo onde se revela. D'entre a nova geração, honra e gloria das lettras portuguezas, um novo poeta surgia, ha pouco, cingido da aureola luminosa da fama, e sagrado por applausos unanimes. Era Thomaz Ribeiro.

### III

É a região campesina de Parada de Gonta, aldéa encantadora da Beira, onde Thomaz Ribeiro descerrou os olhos á luz em 4 julho de 1831, verdadeiro berço de verdura e de flores. A poucas leguas, erguem-se coroadas de neve as cordilheiras da Serra da Estrella, — pagina granitica dos feitos de Viriato, o indomavel Mithridates do occidente, ante o qual abateram o vôo de cançadas as aguias romanas; amphora agigantada donde manam quatro grossos rios: o Alve, o Zezere, o Ceira, e o Mondego.

Não se póde duvidar quanto o aspecto da natureza phisica prepondera na imaginação e na sensibilidade.

Onde bebeu Theocrito as inspirações do genio rural, senão nas reminiscencias do céu ameno e das pingues pastagens da Sicilia?

Quem nos assegura, que o sentimento apaixonado da natu-

reza transluziria nas descripções de Rousseau com tão grande eloquencia, se os caprichos da organisação do poeta e os do destino o não houberam impellido a trepar aos cerros nevados da Suissa, ás montanhas da Italia, e embrenhado pelas espessuras silvestres de Montmorency, regiões variadas, céus differentes, d'onde extrahiui tintas vivissimas para a sua palheta de colorista?

Poderiam accumular-se exemplos para comproval-o.

Ora, se sob este céu destoldado de nevoas, bello como o de Napoles ou de Florença, a poesia se desata em strophes espontaneas, calcule-se, como não excitaria a phantasia poderosa de Thomaz Ribeiro a paisagem ridente que lhe foi berço infantil.

Escoou-se-lhe a meninice e boa parte da adolescencia por entre os laranjaes da sua terra, carregados de pomos d'oiro, atravez dos vinhedos pendurados das collinas, onde os pampanos se entrelaçam como em graciosa grinalda de Bacchante.

Era alli, no silencio dos campos, deitado na relva macia dos outeiros, aveludada pela primavera; debaixo das faias e dos olmos sacudindo, agitados pela brisa, a melena humida ainda do orvalho matinal e baloiçando-se sobre a corrente espelhada do Pavia onde projectam a sombra verdejante; era no regaço d'esta meiga natureza, idyllio animado e perenne, que Thomaz Ribeiro via rolar a onda murmurante da existencia a brincar com os seixinhos prateados das margens, bordadas de flores.

Forçoso lhe foi renunciar ao Eden de seus descuidosos annos juvenis para gostar os fructos amargos da sciencia. Dizendo adeus ás doçuras bucolicas e innocentes partiu o moço imberbe para Vizeu, onde residuiu até concluir os estudos preparatorios, e d'esta cidade seguiu para Coimbra a cursar a faculdade de direito.

Nos tres primeiros annos das disciplinas universitarias votou-se o mancebo á religião glacial do Digesto e ao culto amoravel das Camenas, que tão complacentes sorriem aos seus devotos nas margens do Mondego, onde sob a espessura dos salgueiros (oh! profanação!) occultam não raro as formas nuas mas desgraciosas e flacidas as *serventes* dos estudantes,—Galatheas locaes nada poeticas.

Não estava escripto no horoscopo do poeta, que houvesse de concluir as disciplinas austeras de Justiniano, e encerrar as Pandectas—prodigas de textos e de papoulas—com a remansada serenidade da lympha do Mondego e do seu patrio Pavia derivando em meandros de christal por entre as esmeraldas dos campos.

## IV

A insurreição escolástica, notavel episodio da academia de 1854, penultimo da formatura de Thomaz Ribeiro, recrutou-o entre os mais intrepidos legionarios. Descaíram n'umas quasi *Vesperas Sicilianas* as folias carnavalescas d'aquelle anno.

Foi uma verdadeira tempestade n'um cópo d'agua a causa originaria da famosa revolta.

Coimbra inteira doidejava de alegria. Misturavam-se loucos e ebrios de contentamento os academicos com os habitantes em folguedos genuinamente primitivos. Respirava-se uma atmosphera suffocante de pós. Amiudavam-se tanto os borrifos d'agoa, que ao cabo d'algumas horas estava apaulado o largo da Feira, circo jovial dos gladiadores coimbrãos.

Quando o delirio tocava o apogeo, um projectil culinario, germen de futura gallinha e materia prima de gemadas, foi vibrado por mão d'estudantinho garraio a uma janella. Espanejava-se n'ella repleto e contente um roliço burguez. Nas faces nedeas luziam-lhe as rosas purpurinas da digestão com um escarlante mais do que vivo, assanhado. Mal o projectil arrebatando em cheio no rosto do obeso expectador lhe franjára de arabescos amarellos a purpura luzidia, assoma á janella fatal uma cosinheira; mas qué cosinheira, meu Deus! uma verdadeira irmã de Plutão, supplemento medonho ás Górgonas infernaes, hirsuta, desgrenhada.

Ardendo em furia, a Megera dos fricassés precipita, impellido-a com o vigor de dois braços nodosos, uma panella enorme sobre um grupo d'estudantes, ferindo um d'elles gravemente.

O sangue espadanou da ferida, salpicando de laivos o largo da Feira, theatro dos brinquedos recentes. Os estudantes vozeavam com estupenda grita: *morra! morra!* A cada momento engrossava a torrente da academia enfurecida. *Jam proximus ardet Ucalegon.* Coimbra, a romantica, a cidade poetica de Sisnando abrasava-se nas labaredas da guerra civil!

Desenhando o quadro com as tintas expressivas do estylo official, o magistrado administrativo de Coimbra escrevia ao ministro do reino n'uma metaphora impetuosa, «que a panella fôra a faisca do grande incendio!» O codigo administrativo nunca previu de certo a energia colorida d'esta locução cheia d'audacia.

Com as trévas da noite, condensadas de terrores, cresceu a revolta escolastica.

D'algumas janellas disparavam-se tiros sobre os estudantes. Estes agglomeravam-se nas ruas bramindo vingança.

Cada porta, ao abrir-se, vomitava *futricas* raivosos, que pareciam outras tantas hyenas fugidas das jaulas. Os Gracchos da universidade abandonaram a cidade baixa, e recolheram ao bairro alto, seu Aventino tradicional. Ahi congregados durante alguns dias resolveram abandonar o alcaçar das sciencias, dando tregoa á estaferma milicia dos archeiros, os quaes, havia dias, passavam insomnias de terror, em pé de guerra, e encostados ás albardas incruentas e virginaes.

Imagine-se a chusma buliçosa de mais de quatrocentos estudantes a desfilarem pelo Ó da Ponte, em nobre desordem, precedidos da tenue bagagem, característica da modestia e simplicidade escolasticas.

Eil-os que trepam ás alturas ingremes de Santa Clara, em demanda das ferteis margens do Nabão, aquecidos pelo entusiasmo da mocidade, o mais creador de todos os soes sublunares.

Esta seria como outras de que todos nós fomos heroes, uma *Odyssea* entretecida de lances galhofeiros á Gil Braz!

Se a ucharia dos mancebos insurgidos era minguada, podemos crer que o apetite seria devorador, a saude invulneravel, a alegria oh!.. a alegria dos vinte annos. Que abençoada quadra aquella, toda riso e festas, murmurios e canções! Dizem d'ella que é um sonho; será; mas risonho e feiticeiro como a mesma felicidade, sonho do qual jámais quereríamos despertar.

Com um fragmento de pão alvo, outro de queijo fresco, e uma libação de vinho espumoso a sorrir no cópo transparente,—vinho ligeiro como os juramentos que inspira,—dizei-me vós os que possuistes o thesouro dos vinte annos (ha creaturas de quarenta sem haverem passado pelos vinte!) que gentilezas se não commettem, difficuldades se não superam, perigos se não arrostando com o valor d'Achilles e a fortuna de Cesar!

Acampadas as hostes, Thomaz Ribeiro, um dos Tyrteos da juventude de Minerva, nunca cessou de espertar nas phalanges intrepidas o fogo do entusiasmo.

Em seguida, os emissarios vindos a Lisboa a tratar com o governo as condições d'uma paz honrosa regressaram ao campo nabantino, e persuadiram o grosso do exercito a recolher á lusa Athenas, onde já os bons burguezes e bonitas burguezinhas suspiravam pelos sublevados; aquelles, d'interesse mercantil, e ellas, de saudades nem sempre castas.

No anno immediato, Thomaz Ribeiro coroava os estudos pelo acto de formatura, deixando nas aulas honrosa memoria, no palco academico nobres tradicções, e nos jornaes litterarios de Coimbra lampejos scintillantes de engenho poetico.

De volta ao bello torrão natal, pouco tardou que o não chamassem a exercer n'um concelho visinho o cargo de administrador, inspirando-se, n'estas funcções, de espirito tolerante e conciliador.

Em 1861, recebia o baptismo politico do suffragio popular conferido pelos eleitores de Tondella, cujas sympathias e confiança careára desde a adolescencia, para merecer honra tão subida, em tão verdes annos.

Penetrando no terreno agitado e ardente da politica, Thomaz Ribeiro não perdeu no recinto tempestuoso do parlamento a bonhomia natural do character doce, insinuante, e expansivo, alcançando logo a estima de amigos e adversarios.

Modesto como o verdadeiro talento, Thomaz Ribeiro não abusa da palavra nas luctas quotidianas, como tantos garrulos, maltrapilhos da grammatica, aleijados do senso commum, que estão chamando por um asylo de mendicidade intellectual aonde se alberguem.

Orador correcto, facil, imaginoso, dotado de phisionomia attractiva, que dousolhos rasgados e expressivos animam de vida meridional, a camara escuta-o cheia d'interesse, cortando o silencio attento por demonstrações calorosas de applauso.

Uma oração sobre as congregações religiosas, e outra exclusivamente politica, pronunciada na legislatura de 1863 na resposta ao discurso da corôa, são manifestações elevadas e felizes da sua vocação para os certames da palavra.

## V

De 1862, no intervallo da sessão legislativa, data o principal acontecimento da vida litteraria de Thomaz Ribeiro com a publicação do poema, *D. Jayme*. O mancebo poeta galgára d'um salto arrojado as margens escarpadas da fama! *D. Jayme* não era apenas o preludio esperançoso da lyra juvenil; era a revelação poderosa e robusta d'um talento poetico de primeira plana.

Pouco nos commoveram dissertações e tractados das velhas poeticas, arrancados então das estantes polvareas para sentenciarem o poema notavel.

Não queremos saber se medida pelas craveiras aristotelicas, a obra de Thomaz Ribeiro poderá conservar como titulos de posse legitima os foros e preeminencias epicas de que gosou, logo ao despontar no horisonte da poesia nacional.

É possivel que a contextura se não ajuste servilmente aos moldes consagrados; que por vezes o heroe do poema renuncie

á grandeza epica da epopea, para assumir as proporções romanticas dos personagens byronianos. Não levamos a mal aos Serenos da arte-poetica a sollicitude,—se é que não chega a ser zélo pharisaico e intolerancia inquisitorial—pela manutenção severa dos preceitos classicos. A missão póde ser honrosa, mas a nossos olhos preferimos ás irregularidades bellas, á correção da vulgaridade rasa.

Quão pouco invejavel classicismo o dos poemas gelados e seccantes, embora adscriptos á gleba d'Aristoteles e de Boileau!

Thomaz Ribeiro despede chammas vivissimas de talento no decurso inteiro do poema, não sómente quando esboça com tintas suaves e d'uma frescura palpitante os quadros da vida campestre, mas quando vibra a imprecação eloquente, fulmina os raios do sarcasmo, e profunda os variados aspectos da alma humana.

Parece-nos escutar n'aquelles cantos a toada devaneadora e ligeira de Musset, interrompida pelo rir satanico de Espronceda. Sobre o poema sentem-se pairar, dando-se as mãos, a fantasia dramatica e o lyrismo pomposo de Zorrilha.

Em outros trechos vêem-se refulgir os relampagos sinistros do cantôr da Parisina e do Chil-Harold atravez do crepusculo melancholico do céu lamartiniano.

Não deve ser um esboço biographico, tocado de traços rapidos, thema para dissertações criticas; por isso mui deliberadamente as evitamos.

Affirmando que o *D. Jayme* encerra valiosas riquezas de concepção e de arte, que é prodigo de matizes e de colorido, traduzimos as apreciações geraes, e, o que mais val, rendemos homenagem á verdade, isenta de affeições. Em redor do pedestal da gloria do poeta não tem até hoje emmudecido o rumor das auras populares, que o acariciaram desde a primeira apparição. Este é o condão das obras perduraveis.

## VI

A estrea poetica tão auspiciosamente encetada estão reservadas novas e assignaladas victorias.

Thomaz Ribeiro não é luctador que adormeça indolente no seio perfido dos triumphos.

Hercules, o symbolo poetico da perseverança e da força, não repousou a clava aos primeiros commettimentos, e mais era um semi-deus!

Diversas composições lyricas e dramaticas não tardarão a ver a luz publica, inspiradas pela esplendida fantasia do cantor de *D.*

*Jayme.* Acerca d'ellas não queremos fazer commentarios anticipados. Preferimos investil-as na facil missão de justificarem as nossas previsões.

Ainda recentemente vibravam os eccos do theatro de D. Maria com applausos frementes a uma poesia deliciosa, «a Judia», onde sorriem bellas delicadas de fórma por entre perolas de sentimento, não falsas, senão perolas purissimas, extrahidas da alma, a Ceylão riquissima dos poetas.

Em conclusão, é uma lyra graciosa e sonora a de Thomaz Ribeiro.

Enfloram-na rosas d'Abril; bafejam-na as Graças com sopro invisivel. Exhalam perfume seductor as corôas e grinaldas—flora de Virgilio e de Theocrito—que a cingem. Sob as mãos eloquentes do poeta, como as cordas da sua lyra de marfim—electricas e inflammadas—semeam vida e fogo e paixão!

Mas a primavera, felizmente para tão precoce talento, não é ainda a quadra da plena fructificação. O que não auguram primicias tão brilhantes?

Aguardae que o estio creador lhe faça lourejar as messes poeticas, e empunhae então, ó ceifeiros do bom e do bello! as vossas foices de prata. Como haveis de vergar ao peso das espigas d'ouro d'aquella musa, já hoje tão abundante e prodiga de inspirações!

Nem só a terra é fertil; tambem o é a poesia, est'outra Ceres não menos fecunda do sentimento e da imaginação.

Abril 6—1864.

RICARDO GUIMARÃES

# OS GOTHERRES

## VI

Em que se mostra como gasta os tijolos do chão o scismar  
em mulheres, depois de velho.

(Conclusão)



eixemos a loge terrea do pobre Mendo. Entremos no lageado pateo do edificio, trepemos os quatro degraus empinados do tosco balcão, atravessemos o deserto salão da entrada com sua vasta chaminé, e brasões d'armas, as empoeiradas alcantifas e espaldares da sala de honra, as grosseiras colunatas d'uma galeria aberta onde se pavoneiam dois falcões de caça, e mordem as suas prisões, alguns cães atrellados, e erguendo o canto de um reposteiro, espreitemos o que se passa no aposento do dono da casa.

Dispensem-nos a descripção do aposento, e mesmo a do senhor semifeudal, dos Paços, que todavia devêra ser uma figura respeitavel, de longas barbas ruças como todos os velhos figurões do romance.

O velho D. Paio Gotherres, tinha como seus filhos a boça peripatetica notavelmente desenvolvida; na parte material já se entende. Passeava como um endemoninhado. E qual ha ahi personagem de novella, que nos instantes de amargura não passeie a largos passos no pavimento, onde d'esta vez ao menos não estremeciam lapides

nem se acordavam echos sepulchraes, porque o passeio contra as regras d'arte, em vez de ser no cemiterio ou no claustro, era no seu quarto, cujo pavimento se compunha de bons tijolos bem argamassados sobre a terra, inda que tão gastos pelo frenesi peripatectico do velho, como os tijolos de Cintra que o misero Affonso VI consumira a scismar na corôa, e na mulher, de que seu irmão o desherdára em vida.

O nosso velho D. Paio scismava sómente n'uma mulher, que não n'uma corôa. Na ausencia de seu filho Affonso, cujas aventuras ignorava, e que aguardava a cada instante com os olhos no reposteiro da entrada, corriam-lhe todavia as horas ligeiras, percorrendo na phantasia as lembranças d'uma época de delicias, que a voragem do tempo engulira ha muito.

A luz da alampeda, que allumiava o aposento, embaciava-se de cançada. O vario reflexo desenhava por entre as phantasticas figuras dos pannos de raz, a magra sombra gigante e movediça do passeador solitario, e dava uma côr de vida áquellas imagens do passado. O mesmo acontecia com as reminiscências do velho, agora reanimadas com o clarão da saudade.

« Como eu amei, dizia D. Paio, oh! como eu amei aquella mulher! Á esposa que me deu o céu não tive mais que amisade, santa e pura amisade. Deu-me os dois filhos queridos de minhas entranhas, e morreu-se depois companheira dos anjos a que foi unir-se. Morreu-se, e eu quedei-me sósinho na terra, sósinho e triste, sósinho e sem esperança, sósinho e ebrio de mocidade e de força. Eu tinha visto e amado e fugido aquella mulher antes de casado; ella veiu sabir-me ao caminho depois de viuvo; ella como a branca rosa encontradiça no passeio do valle.

Quem não colheria aquella rosa! — Eu tomeia-a nas minhas mãos, pul-a no meu seio, cheguei-a aos meus labios, embriaguei-me com o seu perfume, guardei-a nas mais finas jarras de alabastro do meu palacio, adormeci com ella á cabeceira de meu leito, prenda ás suas folhas mimosas a cadeia de minhas venturas; e ao cabo ..... pobre D. Paio! »

Aqui pararam as palavras e o passeio do velho, como parou contrahido o movimento de seu coração quasi estalado no peito. Duas grossas lagrimas sahiram como duas bolhas de seus vidrados olhos, resvalaram pellos brancos pelos hirsutos das barbas, e foram embeber-se a seus pés deixando duas manchas sobre o tijolo.

Aquellas duas lagrimas seriam um holocausto ás cinzas da linda rosa que o vento dos tumulos desfolhára ha quinze annos, — ou iria envolvido com ellas um remorso, pelas consequencias, talvez por nós ignoradas, de seus criminosos amores?....

Não pudemos dar largas a nossas reflexões porque n'este instante ergueu-se de repente o reposteiro da entrada, e um velho de sinistro aspecto, e humildes trajas avançou afadigado pelo aposento. D. Paio correu sobresaltado e convulso a encontral-o: travou-se entre os dois um colloquio animado, em voz baixa; até que o rico-homem desembaraçando-se da terrível visita, correu á porta, gritou pelos pagens e escudeiros, e exclamou com voz dolorosa que fazia mover as pedras em seu soccorro — «amigos meus accudi-me! as mais finas armas, os mais ligeiros cavallos! por S. Thiago, não vos demoreis um instante!»

E poucos instantes depois sahia com effeito o bom velho do pateo do seu palacio, montado em leve ginete, seguido de sua leal gente, correndo a toda a brida caminho do meio dia.

## VII

### Uma peripecia de familia

Não percamos de vista o guapo celibatario de Sob-Ripas com sua dama de garupa.

O formoso par tomára o caminho de Cintra, que não o de Santarem. Era o mais curto para Lisboa. D. João não tivera ainda tempo de reflectir no romanesco de sua fortuna; ver uma dama, adoral-a, cortejal-a, e raptal-a, no espaço de vinte e quatro horas, quasi sem dizer palavra, e sem alfazer que deixar livrar-se pela sua boa sorte, e pela favoravel complacencia d'uma beldade cujo comportamento singular tem toda a apparencia d'uma fada, ou feiticeira de Tasso e Ariosto; tudo isto era para dar em que pensar, a quem pensasse. D. João só se lembrou de pensar, quando após boa milha de rijo trote, o frescor da noite, ou alvorada, lhe começou a dissipar os fuanos de sua ardente imaginação.

A formosa Beatriz, que desde a porta escusa de S. Thiago, até ao solar de Gotherres, e d'ahi até ao ponto da nossa historia, mal tivera tempo e vontade de chegar algumas vezes os mimosos labios aos rijos bigodes do cavalleiro, e de dizer-lhe, com a derretida e mal distincta expressão da ternura e da surpresa: «eu te amo.» Beatriz começava a coordenar no seu pensamento uma phrase mais completa, que por ventura illucidaria o raptador ácerca da mutua posição, quando entraram em um pequeno povoado, a antiga Antanhol, celebre por gentilezas dos naturaes em tempo de Mouros. E mal tinham tocado as primeiras casas, quando por encanto viram illuminar-se de fachos todas as portas e janellas, e uma descommunal vozeria, acompanhada de bons arremeços de seixos, re

bentou de toda a parte, logo o sino a tocar a rebate no campanario, e estas vozes a fazerem-se bem distinctas: = a Rainha! a Rainha! o raptador da Rainha!

Estas vozes foram um raio que fulminou os fugitivos. D. João para quem a roda da fortuna parecia desandar a primeira vez, conheceu o arriscado de sua posição, pelo fatal equivoco que o faria perseguir por toda a parte onde tivessem chegado as novas do recente rapto de D. Mencia, mas como valente que era não recuou, nem trepidou; passou para o arção da cella a linda raptada para melhor a segurar e escudar com seu corpo dos arremeços que vinham pelas costas, deu de esporas ao ginete, e voou como um relampago atravez das turbas apinhoadas.

Seus esforços porém eram baldados. O equivoco fatal de D. Mencia acompanhava-o, ou antes o precedia por toda a parte. O rebate dos campanarios, era um brado electrico que se communicava invencivel na linha da estrada. Os bronzes do seu corcel furioso, e quasi deslocado, echoando alta noite pelos valles denunciavam a sua chegada a um quarto dos povoados. Aquelle terrivel grito = a Rainha! prendam o raptador da Rainha! = era uma voz de maldição, que parecia pegada ás pregas de seu manto aereo.

O corcel na sua rija carreira galgava cancellos e vallados; atropellava esquadrões de povo apinhado no caminho; atravessava nuvens de pedra; voava com os cavalleiros por batureos e silvados; e summia-se entre as trevas da noite como uma estrella que voa. A dama ia ha muito desmaiada nos braços de D. João. O seu véo, as suas rendas, as guarnições de sua longa saia, ficavam com as plumas e manto do cavalleiro retalhadas e desfiadas em centenares de tiras e fragmentos pelos abrolhos, e paredes. A trança da donzella pendia desatada, e enrolava-se ás escamas de ferro da armadura. Os pés quasi descalços, e pendurados sem movimento gotejavam sangue. O cavalleiro tentava ás vezes servir-se da espada, mas o peso da dama, e o cuidado das redeas não lhe dava logar. E o ginete corria sempre, corria como um possesso. Mais do que elle só voavam as novas de sua passagem, as vozes fatidicas, e infernaes = prendam o raptador da Rainha, = que o precediam sempre como uma sombra implacavel.

Até que emfim o pensamento do Templario teve força para reflectir que não longe da velha Conimbrica havia um estreito atalho que atravez d'umas brenhas, communicava aquella estrada com o caminho de Santarem. O seu braço teve valor para torcer a redea do ginete. — E eil-o em poucos instantes livre da fatal via de Cintra, e suas vozerias, e embrenhado voando sempre, n'uma solidão favoravel.

Passado algum tempo o corcel afrouxára a sua carreira, e desafrentado dos gritos, e pedradas, vendo-se em paiz de conhecimento fitou as orelhas, e estacou ao topar com um largo desassombrado de arvores. O cavalleiro apeou-se, depôz a dama sobre um tufo de relva macia, reanimou-a com alguns cordeaes fructos da providencia do bom Mendo, e olhando em torno para reconhecer a sua posição, viu admirado que tinham corrido todo o transito entre os dois caminhos, e se achavam n'um sitio deserto da estrada de Santarem.

O sol tinha despontado no horisonte; mas hoje vinha ardente e afogueado; e um fogo abrasador de vento leste fazia rugir as folhas do ermo prognosticando um temeroso dia de calma. Quão differente e animador havia surgido o mesmo sol na vespera quando encontrou os dois irmãos no terrado de Sob-Ripas! Começava apenas de brotar este pensamento na mente de D. João quando sentiu para o lado do meio dia rugir mais forte as folhas, e logo as distinctas pegadas d'um cavallo, e logo um cavalleiro de estranho vestuario a correr para elle de viseira callada. e lança em riste que do rouco peito deixava escapar apenas estas vozes mal distinctas: = Apercebe-te, e larga essa dama.

O Templario teve apenas tempo de montar no ginete e de correr escontra o desconhecido campeão. As lanças voaram em pedaços no segundo recontro. Os cavallos vacillaram escoados em sangue no terceiro. Os gritos e rogos da donzella espavorida foram inuteis. Os cavalleiros encontraram-se em terra, peito a peito, de espada em punho, e combateram como leões. As armaduras, e escudos dos dois guerreiros, resistiram por muito tempo, aos botes furiosos dos espadões de Damasco. Até que emfim, a lamina mais fina, ou o braço mais forte de D. João falseou a couraça do seu contendor; e entrou-lhe aquella pelo seio; sua foi a victoria. O sangue jorrou em borbotões da larga ferida. O cavalleiro caiu por terra. O Templario precipitou-se sobre elle, fincou-lhe os joelhos no peito, e descobrindo o rosto para melhor saborear o triumpho ergueu no braço direito o ferro ensanguentado, desatou-lhe com a mão esquerda as fitas do elmo, e levantou-lhe a viseira. Mas qual o seu turpor e assombro ao reconhecer na face do campeão mal ferido as feições desbotadas de D. Affonso de Gotherres seu irmão em sangue! Mas não parou n'isto o espanto e desventura do mal fadado. Beatriz cobrâra alento. A sua dextra, ora de ferro, trava do braço de D. João, e afasta-o de cima do vencido.

Precipita-se depois nos seus braços debulhada em lagrimas, e exclama: = D. Affonso, D. Affonso, meu unico amor, que me enganaram!

D. Affonso repelliu respeitosaente o braço de Beatriz, endirei-

tou-se com um penoso esforço, ergueu-se em pé, e ficou immovel, com os dentes rijamente fincados no labio inferior deixando correr á vontade um rio de sangue de sua ferida, impassivel como a estatua da desesperação.

Como a estatua da desesperação ficou tambem em pé collado á terra, pallido como um defunto, o misero Templario.

As lagrimas da donzella tambem lhe recuaram dos olhos para escaldar-lhe as entranhas; tambem a misera ficou a terceira estatua d'este grupo de infelizes.

Qual seria dos tres o mais desditoso!!

A esta scena de horrivel silencio, seguiram-se as explicações.

D. João era o mais desarrasado, todavia generoso. O coitado tinha visto desapparecer como o fumo o mais bello quadro de suas illusões. O coitado havia quebrado a sua leal palavra de cavalleiro, atraçoado involuntariamente a honra de seu irmão, posto a mão criminosa e adultera sobre a sua dama; o coitado havia sellado com sangue innocente o seu delicto. Despresado, e falsario, trahido, e traidor, renegado e assassino! a roda da fortuna voltára-se bem ligeira contra elle de sol a sol.

Ao cabo do dialogo, D. Affonso o mais sereno dos tres, dizia assim: — Ora pois, eu quero crer na pureza d'esta mulher, porque os teus e os seus olhos não mentem; mas eu sou um homem de honra; a minha espada de cavalleiro não se tingirá no sangue de meu irmão. Beatriz fulminará nossa sentença. Aquelle de nós ambos que ella escolher, desapparecerá d'este logar, e a levará comsigo. O outro ficará resignado. Aceitas irmão? — Aceito.

Beatriz ia fallar; os olhos soffregos, e anciosos dos dois Gotherres, estavam pendentes da boca formosissima, e dos pallidos labios da dama, quando um novo cavalleiro a toda a brida vem esbarrar o seu corcel espumante e semi-morto junto do curioso grupo, e precipitar-se no meio d'elles. Estas vozes angustiadas e frizantes o precediam d'alguns instantes: — Suspendei-vos em nome do céu! Vós sois irmãos d'esta dama; sois todos tres meus filhos. — Os dois moços quedaram-se estaticos, na attitude da mais crua desesperação, como fulminados pelo raio. Beatriz não ficou assim. A mesquinha que nunca mãe nem pae conhecêra, que vira desabrochar a sua mocidade encerrada entre quatro paredes, sob a guarda insulsa e austera d'um homem sem alma, d'uma velha sem coração; a misera que, á mingoa dos carinhos maternas, e dos laços de familia, votára todas as faculdades de sua existencia moral, ao sentimento do amor mais requintado, e que via na precedente aventura, quebrado e enxovalhado o mimoso encanto das suas illusões; a coitada da donzella entregou-se inteira á expansão d'um sentimento novo, ao

conhecer que tinha um pae; precipitou-se de joelhos, e suffocada em lagrimas aos pés de D. Paio, abraçando e beijando a poeira de seus cothurnos de ferro:

— Meu pae! meu pae! que já não morro desgraçada! — A pobre Beatriz n'este momento supremo e memorando, correspondia pela unica vez na sua vida á significação de seu nome, — Beatriz era ditosa.

Trinta dias após esta fatal e unica entrevista dos quatro Gotherres, cada qual d'elles jazia bem distante, e bem mudado.

A dama recolhida ao noviciado no mosteiro de Sant'Anna estreava-se no barbaro systema de definhamento e agonia, que embrutece e aniquillando uma por uma todas as faculdades d'alma, e do coração, termina com a morte precoce da victima.

D. Affonso, curado das suas feridas, livre porém do seu juramento, encerrado no mosteiro de S. Francisco da Covilhã, expiava com a mais rude penitencia, a trinta legoas da patria nos pincaros gelados do Herminis, o seu peccado, ou a sua desgraça.

D. João a braços com os Mouros na guerra do Algarve arremeçava-se ao mais pelejado das batalhas, atirava-se de peito nu ao encontro das lanças Ismaelitas, e barateava por mil feitos e maneiras a existencia. Era debalde. A colera de Deus desviava-lhe as lanças de cima do coração, e embotava o fio dos alfanges inimigos. O infeliz vivia sempre.

D. Paio tinha morrido. O pobre velho vergára sob o peso do abandono, e dos remorsos. Uma ligeira falta dos seus verdes annos havia causado a desgraça de seus tres filhos, envenenado os extremos dias de sua velhice, e riscado para sempre da face da terra, o seu nome e descendencia.

VISCONDE DE GOUVEIA.

## POEMA DA MOCIDADE

(INEDITO)

### INVOCACÃO À MOCIDADE

Sonhos da mocidade! ardentes devaneios,  
que me affagais gentís quando esmorece o sol!  
frescas visões de amor! suavíssimos gorgeios,  
que desprende em meu peito ignoto rouxinol!

vagas aspirações! poemas indizíveis,  
que na fragrante balsa e no rosal colhi!  
vago e meigo scismar d'amores impossiveis  
com virgens ideaes, phantasmas que entrevi!

sois o enlevo gentil, que a mente me extasía!  
Oh! loira juventude! oh! nume incantador!  
quero no teu altar, que hoje profana a orgia,  
puro incenso queimar, sacrar-te um casto amor!

Hoje d'um meigo olhar fulgida luz divina  
nem já desperta amor n'um joven coração!  
juvenís corações, sómente os illumina  
com chammas infernaes satanica ambição!

Oh! quem fôra cantor de lyra omnipotente,

para estampar «infamia» em fronte juvenil,  
que arranca desfolhada a c'róa d'innocente,  
e a arroja ao tremedal d'um egoismo vil!

Outr'ora, antes de entrar na solidão da vida,  
vasto areal que rouba ao triste as illusões,  
tragando-as sem cessar, e o deixa, hastea partida,  
sem flores, que uma a uma as colhem os tufões,

era oasis gentil a mocidade ardente!  
sentia-se girar o sangue com fervor!  
Era a idade louçã; pura se erguia a frente,  
desabrochavam n'alma os canticos d'amor!

Para um beijo colher em labios de donzella,  
por trémulo apertar d'alva, pequena mão,  
para que um vulto esquivo assome na janella,  
e a noite encha de luz, radiante apparição!

fôra a vida arriscar joven apaixonado!  
Oh! loucuras gentis! creio ainda escutar  
no campo, ao longe, ao longe, o canto enamorado  
de fresca serenata em noites de luar!

Hoje, só prosa vil! Noites de primavera,  
debalde vos perfuma o laranjal em flor!  
Poetico scismar, sois uma vã chimera!  
A nova geração sabe zombar do amor!

Eu, ao ver despontar ridente o sol da vida,  
amo, canto, respiro as auras da manhã!  
brisas da mocidade! aurea estação florida!  
da existencia sem luz aurora tão louçã!

E creio com fervor! sinto, na mente, puro  
o fogo da poesia audaz resplandecer!  
Guardo no coração, como em sacrario obscuro,  
o amor da natureza, o culto da mulher!

Vela no peito meu sempre o fogo sagrado,  
musa do puro amor, ó candida vestal!  
Nunca o sopro do mundo, atroz, impio, malvado,  
te infame, te macule a fronte virginal!

A singela canção, que a fresca mocidade  
me fez brotar da mente, acolhe-a tu, gentil  
archanjo d'annos vinte, anjo da flórea idade,  
ó nume inspirador do canto juvenil !

Meus versos illumine a luz, que te rodeia !  
Flores do teu regaço os venham perfumar !  
No peito do cantor sagrada chamma ateia !  
Bafeja-lhe as canções ! Inflamma-lhe o cantar !

## CANTO I

### Idyllio

Chama-se Arthur o heroe do meu poema !  
«Poema!» diz um critico severo.  
Desculpe, meu senhor, é meu systema  
meus filhos baptisar, como eu bem quero.  
Assim, posto o principio, eu creio e espero  
que não me ha de negar este dilemma :

Ou não ha de, ao estendal fastidioso  
de nomes, chamar «critico bosquejo»  
dando a tolices nome tão pomposo,  
ou deixa baptisar, como eu desejo,  
versos que eu fiz no dia mais chuvoso,  
que tem vindo este inverno ao patrio Tejo.

Do nome do heroe não me diz nada ?  
Achei em nome tal mesmo um thesoiro !  
Qual é a donzella apaixonada,  
que não sonha um Arthur, pallido e loiro,  
soltando á mansa brisa perfumada  
amorosas canções na lyra d'oiro ?

A mente da poetica leitora  
já do heroe esboçou risonha imagem !  
A acção d'este poema incantadora !  
A heroína — da mais nobre linhagem !  
altiva castellã, que se enamora  
d'Arthur, o mais formoso e gentil pagem !

Vêde a escada de seda fluctuante !  
Para colher mil beijos seductores

intrepido lá galga o esbelto amante!  
Da nupcia os rouxinoes são os cantores;  
e a lua, com seu cinto radiante,  
a branca fada, que protege amores!

Que doces emoções! que sobresalto  
não colhêra a leitora! oh! tenho medo  
de o dizer! a verdade, a que eu não falto,  
me obriga a confessar, mas em segredo,  
que se passa do meu poema o enredo  
n'esta era fatal do chapéu alto!

Para um amor, ardente e apaixonado,  
não ha era nem trajo mais fatal!  
Vejam como é prosaico um namorado  
de casaca e chapéu! e o virginal  
pudor [a protecção está confiado  
da patrulha e do gaz municipal!

Era mais semsabor, fastidiosa,  
o mundo nunca viu, nem ha de vêr!  
Deixemos digressões; sei que anciosa  
deve estar a leitora por saber,  
como eu serei capaz de descrever  
um Arthur n'uma época de prosa!

---

Na fronte rasgada, sem nuvens, fulgente,  
derrama o talento torrentes de luz!  
que a fronte inspirada d'um genio eminente  
tem mystico brilho, que a todos seduz!

O negro cabello, que ondeia ao de leve,  
um rosto moldura de nobres feições!  
Os olhos são negros, e a boca tão breve,  
sorrindo suave, tem mil seducções!

Se o fogo sagrado lhe fulge na mente,  
lampejos divinos fulguram no olhar;  
no pallido rosto reflecte-se ardente  
paixão ou delirio, que o possa inspirar!

Donzella, que o veja passar, sopeando  
com mão feminina fogoso corcel,

sorrindo-se o fita ; murmura, corando,  
«que esbelto mancebo!» e a linda infiel,  
ouvindo ao seu noivo requebros, finezas,  
suspira, pensando no moço gentil.  
caprichos de damas! têm taes subtilezas,  
que nem as percebe sophista subtil!

—

Tal era Arthur. Aos vinte annos  
na senda agreste da vida  
entrára, cabeça erguida,  
franco, aberto o coração!  
e nunca pelos espinhos,  
que achou á beira da estrada,  
deixou, pendida, rasgada,  
alguma santa illusão!

Julgava a mulher um anjo,  
reflexo da divindade,  
mas n'ella vio falsidade,  
pela virtude... desdem:  
vio triumphante a devassa,  
ia renegar o culto...  
Nos labios morreu o insulto,  
ao lembrar-se de sua mãe.

Lembrou-se do anjo, que vira  
dar a seu pai a ventura;  
como ella, tão meiga e pura,  
quiz outro anjo encontrar.  
Cada mulher, que fitava,  
d'incantos mil revestia,  
e o idolo, que hontem erguia,  
hoje caía do altar.

Um dia... quem me explicára  
essã voz mysteriosa,  
meiga, fatal, poderosa,  
que nos arrasta ao amor,  
e que nos diz: «N'esses folhos  
vês a chamma da innocencia?  
A luz da tua existencia  
é seu vívido esplendor.»

«Has de seguil-o arrastado  
por um poder invencivel ;  
essa attracção indizivel  
sempre te ha de fascinar.  
Vês a teus pés um abysmo ?  
Segues a luz fementida,  
e honra, crenças, e vida  
vais n'esse abysmo lançar.»

Vagueava Arthur no campo,  
sósinho e triste, scismando ;  
no occaso a luz afrouxando,  
ia sumindo-se o sol.  
Vago o rumor da cidade  
só ao longe se escutava ;  
na balsa preludiava  
com doçura o rouxinol.

De repente, a uma janella  
d'uma vivenda elegante,  
lindo perfil radiante  
d'uma donzella assomou.  
Bateu de chapa no rosto  
um raio do sol poente ;  
meigo sorriso innocente  
nos labios lhe doidejou.

Seu olhar, meigo, expressivo,  
só candura reflectia ;  
era o archanjo da poesia,  
era a estatua do pudor.  
Lindos cabellos castanhos  
o rosto lhe emmolduravam,  
onde os raios scintillavam  
do moribundo esplendor.

Encostou a mão no rosto,  
e ficou-se pensativa !  
dissereis a casta diva,  
que o paganismo ideou,  
assomando, pura e meiga,  
no seu carro d'alvo argento,  
quando inda no firmamento  
o sol um rasto deixou.

Fitou-a Arthur enlevado!  
 Sua ardente phantasia  
 já ornava de poesia  
 a seductora visão.  
 Fitou-a e disse: «Esta imagem  
 era a imagem, que eu sonhava,  
 que em sonhos esvoaçava,  
 a affagar-me o coração!»

Désde então o falso brilho  
 do prazer febricitante  
 foi offuscal-o, radiante,  
 da nova estrella o fulgor.  
 Que importa o mundo, se á sombra  
 do ninho, involto em delicias,  
 se encontram meigas caricias,  
 ventura, incantos, e amor!

Que linda noite de Junho,  
 fresca, risonha, sem véo!  
 A lua, pallido lyrio  
 do vasto jardim do céo,  
 derrama o clarão argenteo  
 na verdura, no arvoredó,  
 e vae reflectir-se a medo  
 no rio, que, entre a ramagem,  
 lá se espreguiça no val!  
 Da lua a candida imagem  
 ora semelha uma nympha,  
 que nos sorri d'entre a lympha,  
 e que a capricho vacilla  
 no seu movente crystal,  
 ora nas aguas scintilla,  
 e as gotinhas radiantes,  
 que vão manso a deslisar,  
 muda em sylphos doidejantes,  
 que faz travêssos dançar!

Serena e tepida a aragem  
 vem doidejar na campina;  
 a voz etherea, divina  
 do mavioso cantor,  
 que os segredos namorados

conta á rosa purpurina,  
sôa ao longe na devesa,  
cheia de frescura e amor,  
tradução inebriante  
do hymno, que a natureza  
manda ao throno do Senhor!

Ha n'estas noites d'estio,  
ridentes, voluptuosas,  
em que o seio nú das rosas  
pede frementes caricias  
á brisa doida e fugaz,  
não sei que fatal mysterio,  
que faz sonhar mil delicias  
d'um amor apaixonado,  
a quem cede, fascinado,  
áquelle incanto fallaz!

N'esse ambiente embalsamado  
ha não sei que tentação!  
O sangue gira apressado,  
pulsa ardente o coração!  
Casta donzella innocente,  
sentindo o seio fremente  
com ignota agitação,  
nega... suspira... e consente!  
em louco, fatal delirio,  
curva-se o pallido lyrio  
ao vendaval da paixão!

Ai! noites d'intenso ardor,  
o vosso incanto é traidor!

Corria a noite serena!  
pallido e meigo o luar!  
e a brisa, dizendo amores,  
nas folhas a doidejar!

Que fina esbelta cintura!  
Que face nivea e rosada!  
Que languidez, que doçura  
n'um olhar fascinador,  
cuja luz serena e pura

promette, affrouxando o ardor,  
 a quem fitar com ternura  
 um inferno de loucura,  
 um paraíso d'amor!

Junto ao rio, que deslisa,  
 banhando o pé dos salgueiros,  
 cujos ramos vem a brisa  
 sobre o rio debruçar,  
 que lhes vae contando amores  
 no seu continuo palrar,  
 vagueia, colhendo flores,  
 a pura, a ingenua donzella,  
 cuja candida influencia,  
 do meu heróe na existencia,  
 casta flôr d'etherea essencia  
 fizera desabrochar!

Arthur, a um tronco encostado,  
 fronte pendida na mão,  
 mirando, como enlevado,  
 a seductora visão,  
 na mente phantasiava  
 ligeira candida fada,  
 que travessa volteiava  
 a sabor da viração;  
 e quasi tremia, ao vel-a  
 tão airosa e tão subtil,  
 que, ao romper da madrugada,  
 desfeito o incanto gentil,  
 se esvaecesse, deixando,  
 da apparição em signal,  
 um tenue fio doirado,  
 cinto aéreo e infeitiçado  
 solto á brisa matinal.

Vêde-a! lá vae a fada graciosa  
 poisar junto d'Arthur; as longas tranças  
 fluctuam sobre o collo assetinado!  
 Na mão d'Arthur lá poisa a mão nevada,  
 inclina para elle o rosto lindo,  
 e murmura mansinho estas palavras,  
 tão manso, que dissereis harpa colia,

quando, ao roçal-a, a viração da tarde  
 lhe beija as cordas, e desperta a medo  
 na fibra harmoniosa um som plangente.

— Tristezas! Sente a saudade  
 d'antigo, olvidado amor?  
 Loucuras da mocidade,  
 ou sonhos de trovador?

— Meigo sonho de ventura,  
 se é sempre, sempre infiel,  
 não dá prazer, dá tortura.

— É lindo o sonho?

— É cruel.

— Fugaz devaneio de mente exaltada  
 é flor que a inconstancia faz logo murchar!

— Não póde a florinha, no peito arreigada,  
 a brisa inconstante do peito arrancar.

— Promessas mentidas!

— Ardente protesto!

— Amor de poeta!

— Que inflamma a paixão!

— Extingue-se, e fica remorso funesto.

— Oh! nunca se apaga fulgente visão!

Soltando o protesto ousado,  
 na mãosinha incantadora  
 da gentil fascinadora  
 Arthur louco, extasiado,  
 poisa os labios com fervor.

Ao tocar de mão profana  
 se retráe a sensitiva!  
 Tal foge a donzella esquiva;  
 porém dos olhos emana  
 meigo, languido fulgor!

A boca balbuciante  
um severo «não» murmura,  
mas cora a donzella pura,  
e no olhar deslumbrante  
brilham promessas d'amor !

.....  
.....  
E a noite sempre serena !  
pallido e meigo o luar !  
e a brisa, dizendo amores,  
nas folhas a doidejar !

D'entre a balseira virente  
o rouxinol namorado  
mais puro canto soltou !  
e a rosa, n'hastea tremente,  
do calice embalsamado  
mais doce aroma exhalou !

Sons d'uma flauta em distancia  
quebram da noite a mudez !  
não sei que vaga fragrancia  
de suave languidez  
tem essas notas aladas,  
aéreas, infeitiçadas,  
a volteiar embaladas  
nas azas da viração !  
Era uma valsa, tão triste !  
Que profundo sentimento  
n'essa ardente melodia,  
que incanta, endoida, inebria  
e espalha immensa alegria  
á noite, em aureo salão !  
Nas salas folga, delira  
e agora geme, suspira,  
e um vago presentimento  
desperta no coração !  
Ó mysterio da harmonia,  
celeste irmã da poesia,  
que inspira melancholia  
na mais alegre canção !

Ao som da valsa... tão triste !  
Arthur, dos labios frementes,

· singelas trovas ardentes  
soltou, suspirando amor !  
A musa da melodia  
do poeta a mente inflamma,  
e fulge inspirada chamma  
no olhar do trovador.

«Gentil florinha, que sorris fagueira  
junto á balseira que te viu nascer,  
porque despresas meu amor ardente ?  
Quer a innocente sem amor viver !

Ai ! sem amores de que vale a vida ?  
Só, escondida, sem allivios dar,  
não quer a esquiva que ninguem a cõlha,  
e folha, a folha, quer pender, murchar !

A flor, que viça no rochedo agreste,  
a flor celeste, de modesta cor,  
roxa violeta, nos traduz, resume  
no seu perfume delirante amor !

E quando a aragem, baloiçando o arbusto,  
lhe diz com susto, a murmurar subtil ;  
«Amo-te, linda» a timidez esconde.  
«Amo» responde aquella flor gentil.

Só tu formosa mas cruel florinha  
queres sósinha definhar, morrer ?  
E, em vez d'esp'rança, meu gentil incanto,  
dás-me só pranto d'infernal soffrer ?

Sina fatal lançou-te aos pés, violeta,  
doido poeta, todo crença e amor,  
e, em vez de aroma, só lhe dás espinhos ;  
sonhou carinhos, encontrou rigor.

Gentil violeta que sorris fagueira,  
junto á balseira, que te viu nascer,  
Oh ! não desprezes seu amor ardente !  
deixa-o sómente de te amar viver !»

Calou-se, e fitou tremendo  
a sua musa graciosa ;

a mais purpurina rosa  
 não tem mais vivo rubor!  
 Tremêra a branca mãosinha,  
 nas mãos d'Arthur apertada;  
 ficára immovel, calada,  
 falla por ella o pudor.

Ergueu os olhos radiantes,  
 onde a luz d'amor fulgura,  
 com meigo olhar de ternura  
 fitou Arthur, e sorrio!  
 Depois hesita um instante,  
 e nos labios do poeta,  
 ligeira qual borboleta,  
 seus labios poisa... e fugio!

Primeiro beijo, perfumado, ardente!  
 primeira estrophe da gentil canção,  
 que, em doidas horas de prazer fervente,  
 á flôr dos labios vem dizer «paixão.»

Tenue murmurio, a suspirar caricias!  
 Aéreo sopro, respirando ardor!  
 Meigo prefacio d'essas mil delicias,  
 do gosto ethereo d'um primeiro amor!

Beijar a furto uma boquinha airoza,  
 fugir, ceder á tentação fatal,  
 bem como a abelha, a volteiar medrosa  
 por entre as rosas do gentil rosal,

que poisa e suga a perfumada essencia  
 da flôr tremente d'um gosar sem fim!  
 roubar assim, d'almo prazer na ardencia,  
 a puros labios virginal carmim!

É sonho louco de ventura e enleio!  
 É vêr nas trevas o esplendor do céu!  
 Da casta virgem pudibundo seio  
 palpita, rasga da innocencia o véu!

Os labios tremem da gentil donzella  
 refogem, voltam de delirio a arfar!

oh! n'essas horas amorosa estrella  
inunda a vida de fulgor sem par!

Depois extingue-se a visão brilhante!  
Voltam as trévas, quando morre a luz!  
Finda o romance] da existencia amante  
de fria campã em solitaria cruz!

.....  
.....  
E a noite sempre serena!  
pallido e meigo o luar!  
e a brisa, dizendo amores,  
nas folhas a doidejar!

.....  
.....  
Eu estou vendo d'aqui a fronte austera  
d'um austero censor franzir-se irada,  
e oiço-o já bradar, com voz severa:  
«A geração actual está depravada!»  
E talvez, se honra tal eu merecêra,  
mande os versos queimar pela criada!

Etherea emanção da divindade!  
sonho incantado d'um primeiro amor!  
Timida flor, que o sol da mocidade  
inunda com seu placido fulgor!  
Minha ingenua visão, dize, quem ha-de  
manchar-te as vestes de brilhante alvor?

Quem se não curva ao poderoso imperio  
d'um meigo olhar fulgente, enamorado?  
O amor então é divinal mysterio!  
é puro incenso, ardendo resguardado  
no coração, thuribulo sagrado,  
urna singela d'um perfume ethereo!

Um beijo ardente, que traduz ternura,  
é puro, é santo, porque é santo o ardor.  
Em torno á virgem, n'um primeiro amor,  
respira-se um ambiente de candura,  
onde paira, sorrindo, a imagem pura  
do meigo archanjo do infantil pudor!

A impureza é na orgia, é no devasso,  
que escarnece do amor, e da virtude,  
que nos préga moral no tom mais rude,  
e entra no lupanar, trémulo o passo,  
a prostituir, em repugnante abraço,  
a casta flor da etherea juventude!

Vergonha sobre o impio, que despreza  
mimosas affeições do coração,  
gentil grinalda d'infantil simpleza,  
de puras flores virginal festão,  
e vai, cingindo a c'rôa da impureza,  
sentar-se no festim da corrupção!

Vergonha sobre o hypocrita, o descrente,  
tartufo, que se envolve em castos véus,  
ao nome de paixão louca, fremente!  
O amor é santo, porque vem de Deus!  
e um beijo puro, apaixonado, ardente,  
faz sorrir de prazen anjos nos céus!

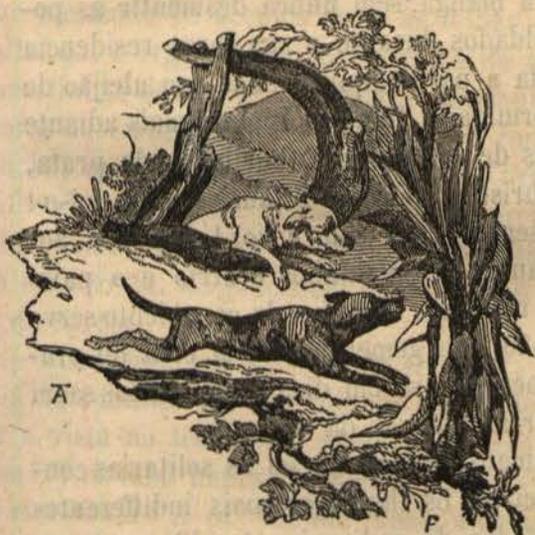
M. PINHEIRO CHAGAS.

# CONTOS

## DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

### IV

#### UM DIA GRANDE EM S. DOMINGOS



avam dez horas da manhã. O sol entre nuvens ora golphava alguns raios esmorecidos sobre o adro e alpendrada do convento de S. Domingos, e sobre as paredes denegridas do paços dos Estãos, asylo mysterioso da inquisição, vulgarmente conhecida pelo nome de Santo Officio, ora, escondendo-se, acabava de desmaiar cobrindo de sombras as ruas, travessas e

becos enredados em confusa meada aos lados e por detraz dos edificios de varia architectura, que olhavam d'esta parte para a praça do Rocio, aonde a estatua de pedra de Neptuno, na sua eterna e nunca aplacada sêde, pedia em vão no estio uma gota de agua para ás exhaustas urnas da fonte, a que presidia.

As torres do convento repicam ao desafio. Dir-se-ia que os sinos se desfazem em cascatas de notas desde o timbre juvenil e argentino da sineta até aos sons graves e compassados do idoso decano dos

campanario. Que arruido pelos dormitórios e claustros! Que agitados enxâmes a correrem, a acotovellarem-se, e a zumbirem pelos extensos corredores! Uns compõe de caminho sobre os hombros as dobras da capa; outros, menos activos, ainda retesam, a meia a estalar na perna; alguns apertam com enfado a fivela do sapato, obra prima e garrida das fôrmas da rua nova; este ageita apressado as prégas da tunica; aquelle endireita o escapulário. Banhado em suor e rouco de enthusiasmo, o mestre dos noviços, fr. Praxedes, percorre vigilante o seu rebanho indisciplinado, e alinha as fileiras, que a devota communidade principia a estender. Pressurosos e assanhados em vivas cores os religiosos conspicuos aguilhoam a inercia dos padres mais ronceiros, que baixam murmurando e contando os passos dos andares de cima á portaria.

O provincial, o prior, os definidores, os mestres e prégadores emeritos, rôxos de impaciencia e esfalfados de cançasso, arquejam no adro fallando a um tempo, tossindo, exclamando, e interrompendo. Este côro discorde e tumultuoso é por vezes superado pelo falsete espremido do mestre de ceremonias, fr. Barnabé, o qual, invencivel aos annos e fadigas, esponja com o lenço a calva luzidia, e as nedias faces, mais cheias e rosadas com os jejuns e penitencias, do que as do sybarita mimoso com os regalos e delicias. Abrazado em santo zelo, traça a capa, e alonga o braço fóra da manga, sem nunca desmentir as posições e gestos academicos moldados durante a sua larga residencia de Italia. Aparecendo em toda a parte, aqui emenda um aleijão de symetria, ali corrige uma deformidade digna de reparo, mais adiante despeja a correr dois punhados de incenso nos thuribulos de prata, balouçados nas mãos de sachristães boçaes. É um espanto vel-o! Aonde não alcança com a presença chega com a voz! Ora vóa aos leigos, que alastram de espadanas e rosmaninhos o atrio e o pavimento do templo, ora acode a reanimar os brios do corpolento servo de S. Domingos que arvora, não sem gemer, a pesada cruz de prata, rodeada de tocheiros enormes, que só em dias, assignalados saem da casa do thesouro para ornar as pompas da ordem.

Que novidade roubava ao remanso do estudo, ou ás solitarias contemplações os padres mais caseiros, os theologos mais indifferentes ao bulicio da cidade, e os prelados de ordinario tão diligentes no governo da numerosa familia sujeita á sua obediencia? Duas palavras a explicam. O conde de Aveiras, gentil-homem da camara, chegára a S. Domingos muito cedo, e mandando recado ao prior, que era seu parente, deixou cair no ouvido do reverendo a confidencia importante, de que Sua Magestade determinava pagar n'aquella manhã uma promessa feita a Nossa Senhora do Rosario, para o que estaria ás dez horas e meia, o mais tardar, na egreja, visitando de-

pois a religiosa communitade, cujos trabalhos apostolicos queria agradecer com esta prova não esperada da sua benevolencia.

Escutando o conde, fr. Paulo, prior n'este triennio, mestre de Exegetica, e prégador da capella real, em um accesso subito de alegria frenetica levou ambas as mãos á cabeça, e trouxe n'ellas feito em dois o barretinho de seda, que servia de alvo á inquietação dos discipulos nos dias de aula, exposto sobre a mesa ao lado do compendio. As faces entumeceram-se-lhe; os olhos, pequenos e quasi alvadios, esgazearam-se-lhe; e o ventre empinado saltou debaixo do habito em dois pulos de jubilo. Por alguns segundos vacillou entre uma apoplexia fulminante e um ataque de delirio, salvou-o um assalto de tosse secca. Depois de abraçar o sobrinho silenciosamente pela noticia, gemendo e assoprando, trepou a dois e dois os degrãos de pedra da immensa escadaria, sem cabeça para se congratular com elle ao menos pelo cuidado do aviso opportuno.

Os dois pararam ao limiar da cella do padre provincial, pessoa douta, austera e esguia, de poucas carnes e de menos palavras ainda. A porta estava cerrada, fr. Paulo empurrou-a, precipitou-se dentro da casa, e collocado deante do superior como um ponto de interrogação, abriu tres vezes a bocca sem fallar afogado em tosse. Mas o seu olhar triumphante deu rebate á curiosidade do prelado, que mettendo os oculos entre as folhas do livro, que estava consultando, e erguendo-se com a caixa de rapé na mão e a pitada a duas linhas do nariz, aguardou a communicacão. Coube ao conde a gloria da embaixada, e a despeito da humildade monastica, o provincial, ouvindo-a, não pôde conter os primeiros assomos de um orgulho desculpavel. A visita real era o premio dos seus esforços constantes como successor de tantos varões illustres e decidido adversario da heresia, do judeismo, e das outras pestes, horror e escandalo da egreja.

— «Louvado seja Deus para sempre!» exclamou fr. Placido depois de ruminar por um minuto em extasis a feliz nova, e de esperar a vista no tecto com beata compunção. «Sua Magestade n'esta casa! Tamanha honra no meu triennio! Fr. Paulo! Fr. Paulo! *Surge et ambula!* A pé! Mande juntar a communitade ao som de campã tangida. Chame a conferencia extraordinaria o definitorio. Avise o mestre de ceremonias! O dispenseiro que venha aqui! Quero todos, todos já! Que honra para o nosso convento. *Decus et gloria!*»

— «*Deus nobis dedit!*» atalhou o prior ainda convulso e afogueado.

— «É verdade, é verdade! Tudo nos vem d'essa divina fonte. *Gracias tibi domine!*»

— «E que bofetada sem mão na casa professa de S. Roque! Como

hão de ficar em o sabendo os da companhia de Jesus?!» observou fr. Paulo esfregando as mãos e a testa, sacudido desde a nuca até aos pés por uma d'aquellas estrondosas risadas, que se refugiaram nos mosteiros desde que os deuses do paganismo baquearam do Olympo.

— «Coitados! Que se mordam de inveja e se ralem nas murmurações! Chegou em fim o nosso dia. *Vivimus! Ad huc vivimus!*»

— «Sobrinho és a perola da familia! Deus te conte tantos annos de fortuna como instantes de alegria me estás dando!» acudiu o prior enlaçando os braços curtos ao airoso corpo do conde de Aveiras, que assistia, sorrindo-se e callado, a esta scena de interior fradesco. Decorridos alguns momentos, em que os dois dignatarios dominicos se contemplaram em silencio, quasi duvidando de que tudo isto não fosse ainda mais do que um sonho, o prior, buscando por costume o solideo ausente sobre a calva, e sepultando os dedos na caixa de rapé, que o prelado conservava na mão aberta, disse-lhe com um suspiro:

— «*Benedicite, pater!*» Vou dar as ordens.»

— «Um momento fr. Paulo. Pergunte ao sr. conde se não quer nada da nossa pobreza, umas ameixas cobertas, uns pecegos doces com um copo de agua, ou alguma coisa mais solida antes da meridia...»

— «Muito obrigado, padre provincial, almocei no paço antes de vir.»

— «Quem não janta, só se forem viboras, ou escorpiões, são os padres da Cotovia e de Santo Antão, aposto! exclamou o prior.» Tanto riram de nós que lhe subiu o riso á cabeça... Ainda bem. Estou em braza. O contentamento sempre faz uma sede e uma tosse! E em um impeto de entusiasmo e distracção deitou a mão a uma taça da India, cheia de caldo de galinha, que esperava o vagar do provincial em cima do bofete, e engolio-a em tres sorvos, declamando depois com beijos untados e a chavena nos dedos o famoso verso de Virgilio!

Claudite jum rivos pueri, sat prata biberunt!

«—Misericordia com os nossos inimigos, Fr. Paulo! retorquiou o reverendissimo, o qual occupado em desprender a capa do cabide e em lhe acertar as prégas sobre os hombros, não pôde ver por isso o rapido eclipse do caldo, nem apreciar a inimica gastronomica do orador.»—Os padres da companhia seguramente não nos querem bem, é sabido. Paciencia! A culpada do seu odio é a nossa vigilancia em materia de dogma e em pontos de fé!... Queixam-se da Santa Inqui-

sição porque censura os seus livros e as suas doutrinas?... Escrevam melhor e préguem com mais cuidado. Emfim, coitados, deixal-os. Este golpe prostou-os. Não se levantam... Não ha tempo a perder! O meu caldo? Ah! Dé cá padre mestre. É um instante em quanto o bebo...»

E o digno provincial illudido estendia a mão para a chavena vasia, e que fr. Paulo recuava do seu alcance sem animo de lhe revelar o sacrilegio commettido pela sua inadvertencia. O conde testemunha silenciosa d'este lance comico, mordida os beiços, e compremia não sem custo o riso, que o suffocava.

«—O caldo? Dé-mo? Não vê que temos pressa? «insistia o prelado seguindo pela cella as evoluções de fr. Paulo, que retirava um passo á medida que fr. Placido adiantava outro.

«—O caldo?! reverendissimo... esqueci-me... bebi-o! Eu é que fui! *Mea culpa! Mea maxima culpa!* Tinha sede e tomei-o por um pucaro de agoa.»

«—Ah! exclamou o provincial, apertando-se-lhe as fauces, e deixando descair ambos os braços. Bebeu o caldo por esquecimento?! E eu?! Muito bem, padre fr. Paulo, para a outra vez, peço-lhe que se lembre menos do seu estomago e mais do meu. Fico em jejum. Não importa. Um dia não são dias. A alegria tambem sustenta. Vamos.»

(Continua)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## CHRONICA POLITICA NACIONAL E ESTRANGEIRA



ão houve mudança na situação politica. Proseguiu o governo nas diligencias para obter a approvação das suas propostas, e encontrou na maioria a costumada vontade. Pela sua parte a opposição nem desamparou o campo, nem se reforçou, nem se enfraqueceu. N'estes ultimos dias têm sido mais aggressivas as discussões da imprensa relativas a pessoas, e por consequencia menos cuidada a controversia ácerca das doutrinas. Entretanto esta animosidade na

polemica não se manifestou no parlamento.

Foram prorogadas as côrtes até ao fim d'este mez de maio, e em ambas as camaras alcançou maioria a lei do tabaco, já hoje sancionada por El-Rei, e publicada no *Diario*, no qual appareceu tambem o annuncio para a arrematação do novo contrato até ao fim de 1864.

Mereceu igual benevolencia do parlamento o projecto do Banco Ultramarino, tambem já hoje transformado em lei do Estado. A discussão d'este assumpto em ambas as camaras foi curta mas conscienciosa, e não revelou da parte da opposição o dezejo de impedir, que é tão natural em todas as opposições.

Tão importantes questões foram interrompidas por um requerimento dos estudandes de Coimbra pedindo perdão de acto em commemoração do nascimento do principe real. Entendeu o governo que lhe cumpria desattender o pedido, e roborar o principio de que a dispensa das habilitações academicas, estabelecidas por lei, não cabe nas attribuições do executivo. Os estudantes mostraram-se offendidos da redacção da portaria em que o governo lhes respondêra, e retirando-se para o Porto requereram ás côrtes que tambem lhes indeferiram o requerimento.

N'esta conjunctura o vice-reitor da universidade, estranho a todos os precedentes da questão, exhortou os estudantes a que regressassem

a Coimbra, e tão affectuosamente lhes pediu, que para logo voltaram á cidade e proseguiram na frequencia das aulas. O governo amnistiou o que nos actos academicos se podia chamar culpa, e por meio d'esta reciproca moderação se desvaneceram todos os vestigios da pendencia.

Mostraram os estudantes que prezavam a propria dignidade, embora fossem exagerados na apreciação do que lhes serviu de estímulo, e o governo deu provas de firmeza e de moderação. Todos procederam segundo lhes requeriam os annos mais ou menos verdes.

As discussões que mencionamos seguiram-se as dos differentes orçamentos, sobresahindo no das obras publicas vivissimos desejos de que todo o reino possa aproveitar-se dos caminhos de ferro. E tão viva era esta anciedade que a camara dos deputados auctorizou o governo a contratar linhas de viação ferrea no Algarve, na Beira, no Minho e em Tras os Montes, autorisação que elle já possuia, e impoz-lhe a obrigação de submeter os contratos á approvação das côrtes, dever que já lhe incumbia por lei!

Veremos de que modo o governo se utiliza d'esta superabundancia de autorisação dada pela camara electiva no ultimo anno da legislatura. Ambas as camaras approvaram a venda do caminho de ferro do sul á companhia ingleza, e as estipulações mencionadas no contrato ácerca da prolongação das linhas. N'este assumpto fallou com o costumado acerto na camara dos pares o sr. conde de Avila.

O sr. deputado F. L. Gomes interpellou o governo a respeito de varias infracções de lei praticadas na India, e o sr. ministro da marinha na sua resposta não as defendeu, antes proclamou os bons principios que devem reger a administração das colonias. A imprensa de todas as cores politicas, ou pelo silencio, ou pela declaração franca das suas opiniões, animou o ministro nos seus sinceros e honrados desejos de acudir convenientemente ás necessidades do serviço publico nas possessões ultramarinas.

Não foi prolongada a discussão dos orçamentos da guerra e da justiça. O do reino ainda continua. Aos negocios militares accresceu agora a reforma intentada pelo sr. ministro da guerra, a qual suscitou opposição acalorada em algumas folhas, e varios pareceres entre os officiaes do exercito. Com os negocios das justiças têm connexão intima sete projectos apresentados agora pelo ministro competente.

Na camara dos pares voltou á commissão por accordo do governo o projecto das aposentações dos empregados das alfandegas, e houve uma interpellação ácerca de planos de *União iberica*, com o que não anda agitado o reino, e por ventura nem o governo que no *Diario* declarou falsos todos os boatos a tal respeito. A camara dos depu-

tados approvou um tratado postal com a Prussia, e resolveu o negocio da pensão do sr. conde de Penafiel autorizando o governo a transigir a tal respeito.

Correram boatos de que o sr. ministro da marinha pedira a sua demissão por terem sido desapprovadas pelo principe de Joinville as construcções navaes portuguezas e varias outras providencias maritimas. Desde logo o governo contestou a verdade de tal noticia, e veio a saber-se que o principe visitára o sr. Mendes Leal, usára para com elle de singulares distincções, e por fim mandára servir na esquadra portugueza seu filho o duque de Ponthièvre, já hoje segundo tenente da marinha nacional.

Foram trasladados para Aveiro os despojos mortaes do grande orador José Estevão Coelho de Magalhães, e acompanhou-os do cemiterio dos Prazeres á estação do caminho de ferro o numeroso concurso de pessoas, que era devido á memoria de tão illustre cidadão, ao affecto da capital, e ao decoro do paiz.

Espera-se que o credito predial será organizado brevemente, e afirma-se que o chefe d'este importante estabelecimento é o sr. conde de Avila. Tambem pertence a este mez a novidade de se ter aberto á circulação a linha do caminho de ferro do norte, de Lisboa a Soure.

É natural que as côrtes sejam prorogadas outra vez, porque ha negocios importantes cuja resolução depende ainda do parlamento. Taes são a reforma do exercito, a abolição da pena de morte, a liberdade da imprensa e a conclusão do orçamento.

N'estes ultimos dias propoz o sr. Pinheiro Osorio, deputado por Lamego, a abolição da hereditariedade do pariato. A proposta já foi lida duas vezes segundo ordena a Carta, e da segunda mereceu a approvação da camara inteira com excepção de cinco deputados.

Diz-se que para terminar este isolamento, a que muitos chamam castigo providencial, viera por diversas vezes a Pariz o conde Clarendon, e que chegára a conseguir renovar sob novas bases a antiga alliança. Acrescentam que d'ahi provém realisar-se a conferencia, e adoptar-se logo o armisticio de um mez sob o principio da situação actual dos belligerantes (*uti possidetis*), e levantando os dinamarquezes o bloqueio dos portos allemães.

Não se alcançou porém este resultado sem que as forças navaes dos alliados saindo de Cuxhaven se encontrassem defronte de Hélioland com os vasos de guerra dinamarquezes, e sem que pelessem ficando maltratados os austriacos, e attribuindo-se as marinhas adversas a victoria que nenhuma d'ellas alcançou completamente.

Na conferencia de Londres se está agora tratando de buscar o desenlace dos negocios da Dinamarca, e accredita-se geralmente que

a Inglaterra póde contar com a cooperação franceza para todos os esforços favoraveis á paz, e para algumas hypotheses de guerra. São todavia tão variados os pareceres a tal respeito que melhor é esperar pelos resultados do que aventurar juizos precipitados, e por isso menos reflectidos.

Está hoje a França livre das despezas e trabalhos do Mexico, porém a sua honra ainda se conserva empenhada ali, até que o novo imperio, constituido regularmente, assuma responsabilidade propria. Incommoda agora os francezes uma nova insurreição em Argel, e no corpo legislativo falta a antiga homegeneidade, bem que desappareceu ao mesmo tempo da maioria e da opposição. Os ministeriaes que resistiram á proposta da abolição do decimo de guerra, deram exemplo ás divergencias de Julio Favre e de Emilio Olivier na questão dos operarios.

Convém não occultar porém que muitos attribuem a resistencia dos ministeriaes a conselhos do proprio governo, cubiçoso de mostrar-se pacifico, é inclinado a diminuir as despezas, mas desejando que os deputados lhe obstem ao empenho. Referimos; não affirmamos.

Com quanto os destinos da Europa como que dependam da conferencia de Londres, e das estipulações ajustadas dos dous lados do canal da Mancha, é certo que o estado do resto do continente ha de preponderar no animo dos diplomatas reunidos na capital da Inglaterra, e ainda que os assumptos da conferencia por sua natureza sejam limitados á questão da Dinamarca, dos outros negocios europeus resultará a solução desejada ou a impossibilidade de a conseguir.

A Russia reúne tropas na Bessarabia, e ameaça os Principados Danubianos por causa dos conventos gregos. O principe Cousa fortifica-se adoptando o suffragio universal. A Turquia previne-se com receio, e a diplomacia em Constantinopla entrega o negocio a uma commissão, que neutralisa as impaciencias de uns e o temor de outros. Ao mesmo tempo o governo russo parece alliado aos gabinetes de Berlim e de Vienna, e procura intervir no negocio enviando a Copenhague o proprio herdeiro da coroa.

## II

Voltam-se ainda para as trez ilhas da Dinamarca os olhos da Europa, e discorrem a tal respeito com diversa opinião os homens mais versados nos assumptos politicos. A exiguidade da victima obriga a meditar nas cauzas que influem no animo dos sacrificadores, nem a Prussia pediria o auxilio da Austria, se não previsse desde logo que a Europa lhe quererá adivinhar os intuitos.

Se a Dinamarca fosse no Wurtemberg, em Nassau, ou em Hesse

Darmstadt, a questão perderia grande parte da sua importancia, mas a contenda é com a nação que por accordo europeu tem nas mãos a chave do Baltico, e que pelo valor da sua marinha servia de contrapeso ás ambiciosas aspirações navaes da Prussia. E demais a Dinamarca é um estado sinceramente constitucional, um perigo permanente de contagio liberal para o governo de Berlim, e uma sentinella incommoda, collocada nas fronteiras da Allemanha que a ambição da Prussia deseja possuir.

Augmenta a gravidade da questão o facto de não ser a acção dos alliados proporcionada aos motivos que lhe deram origem, e notar-se que os principios de direito publico internacional, professados pela Austria e pela Prussia, dependem unicamente dos accasos da guerra, como se o invasor fosse aquelle Napoleão I, contra quem se coalisou a Europa queixosa de que ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente dispozesse d'ella como os governos de Berlim e de Vienna querem fazer do Holstein, do Schleswig, e até do proprio Jutland. A Austria e a Prussia já se julgam desligadas dos compromissos de 1852, só porque as suas tropas venceram com o numero o valente e patriotico exercito de Dinamarca.

Tem semelhança com a entrada dos austriacos no Piemonte a invasão dos ducados. Questões de longa data, exacerbadas pelas negociações, em que se lhe procurava desenlace, antagonismo nos principios do governo, e na sua direcção politica, visinhança incommoda, confiança em alliados no territorio invadido, e necessidade de ir assegurar na guerra de hoje a paz de amanhã. Todas estas causas influiram na invasão do territorio piemontez pelos austriacos, e não foram estranhas á occupação dos ducados pela Prussia e pela Austria.

Mas ao passar o Mincio os austriacos encontraram Napoleão III com a espada de França desembainhada em favor de uma idéa, segundo a phrase do proprio imperador dos francezes, e os prussianos não viram na margem de Elba o leopardo britannico, nem encontraram no Baltico as esquadras inglezas, com quanto soassem por toda a Allemanha as vozes do povo inglez promettendo auxilio e protecção á Dinamarca, e sollicitando uma e outra cousa da madureza de lord Palmerston e da gravidade do conde Russel.

Ao gabinete inglez não pareceu boa a conjuntura para imitar Napoleão III, e antes quiz passar na opinião geral por menos efficaç na protecção dos seus alliados, do que affrontar os perigos de uma guerra em que a França poderia não querer empregar-se activamente. Houve um instante em que a Inglaterra se viu mais isolada do que a França quando convidava a Europa a resolver no congresso de Pariz todas as questões do mundo.

Dá cuidado ao Czar a guerra da Dinamarca, porque todos os negocios para lá do Rheno podem cedo ou tarde determinar uma crise proveitosa ou fatal na questão polaca.

É contrario á Dinamarca o sentimento da Allemanha no que diz respeito á nacionalidade, mas desde que á questão se der outro character, as ambições da Prussia, e os interesses particulares da Austria não encontrarão talvez igual unanimidade na opinião das côrtes allemãs.

Está tranquilla a Italia, e os suppostos intuitos de Garibaldi ainda se não manifestaram por obras. Se por lá ha desordens, é nas universidades de Turim e Pavia, que o governo mandou fechar por não quererem os estudantes que um novo regulamento vigorasse no fim do anno lectivo. Em Roma ha tranquillidade, e a saude do pontifice não peorou.

Em Hespanha governam os moderados com pensamentos liberaes, e os progressistas, antigos adversarios da rainha Christina, mostram-se propensos á reconciliação, e de nenhum modo oppostos a que ella regresse a Madrid. N'este ensejo a Hespanha não parece desejar envolver-se nas questões europeas, e o governo anda empenhado em remover suavemente as difficuldades interiores que podem suscitar de futuro gravissimos incommodos.

As questões principaes de hoje, principiam logo além do Rheno, vão até aos pontos mais affastados do norte, e voltando pelo oriente, chegam pelo Tyrol ao quadrilatero italiano e podem avançar até Roma. E como as decisões da conferencia de Londres devem enfraquecer ou fortificar alguns dos interessados n'esses importantissimos negocios, a solução forçosamente será estudada nas exigencias do que chamam *equilibrio europeu* apezar dos desenganos com que a experiencia está advertindo os governos e os povos ácerca da impropriedade d'aquella expressão.

Na Europa ha impaciencias de paz e impaciencias de guerra; mas aos desejos pacificos não poderão sacrificar-se interesses que prejudicados causariam proximamente novas e mais porfiosas lutas, e os impulsos guerreiros terão de ceder á prudencia dos governos, e ás exigencias da civilisação actual.

Uma guerra como a dos Estados Unidos, agora entrada no seu quarto anno, e com apparencias favoraveis aos confederados, ninguém acredita que seja possivel na Europa apezar do desfavor com que muitos julgavam superior ao progresso moral do velho mundo o espirito juvenil dos republicanos do norte.

Emfim hoje pôde dizer-se que as apparencias são de paz, e os estimulos todos de guerra.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

## CHRONICA DO MEZ



onheço um bom homem—o que é raro, bem sei; se não fosse raro, não valia a pena de lhes dar parte d'isto. É da provincia, de onde são os bons homens todos. A reaparição da *Revista Contemporanea* produziu-lhe tal impressão, que o bom do homem, encontrando-me hontem, quiz communicar-me as suas sensações.

Está-me vendo, presadissimo amigo, — me disse — envergonhado e constricto a um ponto que não sei refferir-lhe, e ao mesmo tempo bem satisfeito, — satisfeittissimo. Tão depressa arrisco um juizo, logo me cumpre reconhecer-lhe o erro: sou dotado de um genio bem intencionado, mas asno; ainda n'esta hora lhe soffro as consequencias, e é com summo gosto que me retracto n'uma opinião que aventurei á tóa. Quando me disseram que a *Revista Contemporanea*, — que tem sido, e cada vez o é mais, o jornal litterario por excellencia d'este paiz, — dava alta nas biographias escriptas por autores diversos, e apenas reservava para caso de excepção o não serem todas da mesma penna, imaginei que havia guerra entre os litteratos e todo o meu empenho foi pensar na maneira de estabelecer de novo a concordia entre escriptores que são as minhas delicias. Principiei a prégar a harmonia, a justiça, a fraternidade, o respeito reciproco do talento e do individuo. Sou de costumes suaves, tenho vivido longe do ruido, e sinto-me acima de todas as considerações amante da paz:— julguei tudo perdido. Gemi amargamente ao pensar que talentos tão queridos de nós todos, estavam talvez, Deus o sabia, a ponto de cruzarem a penna e esgrimirem até se escorcharem mutuamente. Cuidei ouvir assoviar todas as serpentes da discordia no campo das amadas letras, e principiei a procurar com toda a pressa no jornalismo provas em auxilio dos meus receios. Noticiarios, folhetins, variedades, correspondencias, comunicados, de toda a especie de periodicos que até então me eram

desconhecidos,—uma pessoa não póde conhecer tudo — reuni quanto se offereceu á minha avidez, disposto a ler fosse o que fosse, na esperança de que, por maior bordoada que reinasse entre os litteratos, tudo havia de serenar ao fazer-se-lhes sentir que semelhante desordem era em prejuizo seu. E ahi voltava eu as folhas, e lia, e procurava, e estava sempre á espera de encontrar diatribes salgadissimas e polémicas apimentadas. . .

Que admiração não foi a minha! Que pasmo! Que estupefacção deliciosa! Á proporção que caminhava, mais se me ia esclarecendo o horisonte. Céu azul por toda a parte, sol sem nuvens, uma serenidade universal. Elogios em toda a fileira, e que elogios! Um concerto de louvores rompendo como devota simphonia, nuvens de incenso capazes de fazerem espirrar os deuses todos da mithologia. Aqui um dithyrambo em honra do sr. Romualdo, verdadeiro hymno em prosa de atirar com um homem para o numero dos semi-deuses, cantado á maneira epica com quanto folego se póde desejar. Triunfo cortejo, e apotheóse. Nada chega a Romualdo. Romualdo é o Deus nos acuda do talento. Tudo aquillo de um effeito de ficar o leitor a tardar-lhe a falla. Receio que o sr. Romualdo, cuja modestia não entra em duvida, se tenha apoquentado com tanta ovação. Mais adeante dá-se uma serenata debaixo das janellas do sr. Tertuliano. Boa musica, melodias inexgotaveis, e modinhas a capricho; desde a introduccão até ao descante não lhe falta nada; ha principalmente um sollo de flautim de uma doçura!... Lá me pareceu ouvir, mais d'aqui, mais d'alli, o estallar dos pratos, mas hoje gosta-se de bulha nas orchestras. e o sr. Tertuliano é tão bondoso que talvez nem desse por tal.

N'outro logar, alguns trechos apenas, mas muito sentidos e n'um estillo correctissimo, de uma composição do sr. Amancio, — com a competente apreciação. Ahi a superioridade do escriptor apresenta-se-nos duplicada pelas qualidades do homem, e offerece-se ao nosso enternecimento sua vida privada mais a sua estimavel familia: boletim circumstanciado de todas as phazes da sua carreira já tão fecunda, flores atiradas com anticipação á sua campa, consolação dos descendentes que talvez um dia venha a ter: descrevendo sem emphase suas perfeições mais intimas ao passo que vae contando a historia da sua magnifica obra. Diz-se alli de boamente que grandissimo talento tem, e o grande homem que é, além de sua boa figura, nobreza e dotes d'alma. Occupa tudo isto poucos paragraphos; não se podem fazer as coisas com mais simplicidade: é o que me encanta. Não se faz idéa quanto me é util para apreciar sensatamente a valia e o estillo de um livro ou de um drama, obter taes revelações desafeitadas a respeito da pessoa de seu auctor, e ficar ao facto

de aonde é elle empregado, se gosta do actual ministerio, quantos annos tem, saber-lhe a côr dos cabellos e se os conserva todos.

Prosegui na minha tarefa, jornaes e mais jornaes, devorando-os cada vez com mais ancia.

Ahi deparei com um, consagrado á exaltação do sr. Ezequiel. N'um tom grave, sisudo, de convicção, analysava-se o seu merecimento tão variado e ao mesmo tempo tão profundo. Como se lhe percebêra o condão! Como lhe denunciavam as prendas! Até que enfim prestava-se-lhe justiça; justiça sem restricção, nem sombra de critica, observação de qualidade alguma que viesse perturbar o entusiasmo; avultava a obra na sua immaculada alvura como uma perola pura sobre o velludo escuro do cofre. Perdôe-se-me esta bolha de poesia, arrastou-me o exemplo; o que eu queria dizer na minha é que essa joia litteraria era digna do cravadôr.

Depois, inchâdo de satisfação, passei ainda alguns jornaes pela vista e convenci-me que o sr. Hemeterio não tem de que ter inveja dos seus emulos; dá-se-lhe tambem um bom quinhão de louvores; não se esqueceram d'elle, está senhor de uma carrada de loiros! Não coube nas minhas forças ler mais, estavam a arrasar-se-me os olhos de dôces lagrimas, parei ditoso apesar de estafado; são proprias da felicidade certas deliciosas canceiras.

O grande caso é que encontrei juizes para prestarem aos litteratos predilectos o tributo, que merecem por tão justos titulos. Seus dictames, que parecem fallar pela voz da minha alma, são perfeitas coroações e déra-me por feliz se houvesse dictado taes recompensas. Pois, os considerandos! aquillo é que era fallar! Eu proprio, em toda a minha dedicação illimitada, não era capaz de ir mais longe. Menos habil nas prendas e gallas do dizer, pôde ser que não houvesse dito tanto. Faça-se por isto idéa da minha alegria! E eu, injusto e cego, que ousára suspeitar os litteratos de não terem meiguices para os seus rivaes! Falsissimo; não tinha visto bem, tinha sido mal informado, folgo de o declarar, nada ha que esteja mais longe da verdade augusta. Encontrei ás vezes, isso sim, diatribes acerbas, cruelissimas personalidades, e pitadas escandalosas. . . mas, que importa lá! que avultam essas isoladas dores perante o magnifico espectáculo que se offereceu a meus olhos? Quando se elevam as argentinas vozes de um concerto seraphico, porventura pôde o ouvido encantado escutar os assovios da vibora escondida por baixo da relva? Perdôe-se-me novamente este rasgo, mas não sei que repuxo de lyrismo me subiu hoje á cabeça, resultado sem duvida do alegre abalo por que passei, e que, provavelmente, não será de longa duração.

E, apesar d'isso,— custa a crer! ninguem de hoje em deante pó-

de admirar-se de coisa alguma! — houve quem pretendesse empanar a alegria sem mescla de que meu coração se acha inundado. É certo. Um sujeito houve de animo tão ruim, que tentou arrancar-me esta alegria, despoetizando a plausibilidade de minhas impressões novas e desfigurando o nobre motor das pennas mais sinceras. Ha gentinha d'esta laia, indoles invidiosas, genios pichosos, quezilados de tudo e por tudo, e não vendo senão o lado feio das coisas. Triste officio, que bem merece mais o dó que a colerã; naturezas infelizes com as quaes uma pessoa não deve sequer occupar-se. Fez-me observar esse individuo, um ponto em que eu não tinha reparado, — o qual vem a ser que o periodico que gabava tanto o sr. Romualdo é o mesmo periodico em que o sr. Romualdo publica de ordinario as suas producções: que o jornal que consagra elogios fervorosos ao sr. Tertuliano, é o jornal que o sr. Tertuliano honra habitualmente com a sua collaboração: que a folha, que celebra o sr. Ezequiel com tanta expansão, publica ao mesmo tempo escriptos do dito sr. Ezequiel: que o mesmo acontecia ao sr. Hermetario, ao sr. Cyrillo, ao sr. Amancio, e ao sr. Athanzio. Até intentou demonstrar-me que em muitas circumstancias ia o elogio antes da obra, que ficava por essa maneira aclamada antes de ter nascido!

E então? Que mais?! Já cuidam por isto que dou com as opiniões em terra? Que é que provam essas perfidas insinuações senão o espirito de benevolencia e de fraternidade que inspira os litteratos entre si, independente da alta que se deu nas biographias da *Revista*, visto que em todos os jornaes é a mesma coisa! O que pôde haver mais pathetico, do que vel-os prestarem-se por este feitio alternada homenagem, um depois do outro, cada qual por sua vez, e sem nenhum perder o quinhão que lhe toca, esperando que lhe chegue a occasião! Quando mesmo tão legitima homenagem se eleve do grupo que elles formam reunidos, do edificio que sustentam em commum, do mesmo jornal enfim, não deve ver-se n'isso mais uma prova do pouco ciume que os anima e de sua pasmosa imparcialidade? Pois que! Apesar da intima visinhança em que vivem, estimam-se e congratulam-se! Que melhor resposta se pôde dar aos que pretendem que jámais a guerra é tão viva como entre visinhos e dentro das familias? Pelo que me respeita, acho esta devota alliança, esta simpathica organização em sociedades de soccorros mutuos, seja-me licito dizer assim, do melhor e mais proficuo exemplo, e sinto-me sensibilizado no fundô do meu coração.

Considere de mais a mais de que vantagem isto não é para mim ledôr constante, e que preciosa economia de tempo e de fadiga. Em um dos meus auctores predilectos publicando um escripto, que eu tenha lido e de que deseje formar uma opinião cordata, incapaz co-

mo sou de o julgar por mim, recorro aos jornaes;— não ha coisa mais simples!— e evito por essa fórma qualquer embaraço, livrando-me de ir consultar os auctores competentes, ou de andar por esse mundo de Christo a fazer perguntas a um e a outro, tremeleando entre pareceres diversos; d'aquella maneira, é ir um homem por caminho direito: não ha coisa mais commoda.

Podem responder-me a isto que, segundo esta regra, os trabalhadores solitarios que não pertençam a grupo algum nunca poderão obter o seu contingente de elogios, expostos perpetuamente ás descargas de todos os pelotões; não me deem razões tão ruins: despreso completamente quem não sabe arranjar amigos. O grande caso para mim é que nada perco que a *Revista Contemporanea* dê todas as biographias pelo seu director ou as encomende fóra; e mesmo se não continuaem de numero em numero, ficando assim, como outro dia ouvi dizer no Passeio um sujeito que me asseguraram ser o sr. Ricardo Guimarães — «a biographia mais estensa que a vida do biographado,»— nada tenho a recear, porque me consolarei com os jornaes do paiz, que todos os dias me estão a dar a respeito dos litteratos opiniões bem assentadas, de que uma pessoa póde servir-se á noite para as sustentar em qualquer conversa, quando não tenha mais que fazer, em casa de alguma familia onde se tome chá. Já me disseram, um d'estes dias, que ainda ha alguns jornaes, tão pironicos e fosseis, que recusam adoptar um methodo tão perfeito; não posso crêr, mas, se assim é, espero que o tempo e o exemplo ponham cobro n'isso!

Assim fallou o bom homem, meu conhecido.

Não faço considerações ácerca do que elle disse para não demorar a chronica, que hoje de mais a mais não tem assumpto; os assumptos que ha, são os unicos que podem esperar; aos que não ha, é preciso acudir-lhes logo: é da praxe. Vamos a elles.

No theatro de D. Maria appareceu, e por signal bem traduzido, o melodrama *Helena*. Não sendo da competencia dos chronistas julgar convenientemente esta obra, foi preciso chamar um chimico; o chimico está occupado em estudar as combinações illicitas d'este attentado em cinco venenos,—ou, digo, em cinco actos. Estão principalmente implicados n'esse desacato o sr. Theodorico, por se permittir namorar, caindo de joelhos aos pés da sr.<sup>a</sup> Gertrudes; e a sr.<sup>a</sup> Manuela Rey, por accumular os empregos de tysica e envenenada, não morrendo de uma coisa nem d'outra, e até salvando-se da tysica pelo veneno. Esperam-se os artigos da *Gazeta Medica* e do *Escholiaste* a este respeito.

Um menino de nove annos, loira e formosissima creança em cuja phisionomia inspirada o dedo de Deus marcou o rayo do genio: ga-

lante *migalha de gente*, como diz o povo, com a alma de um poeta e a força de um artista: um pianista pequenino, com o talento de um grande pianista: um Litz de jalequinho de velludo, a quem as senhoras dão beijos, os homens palmas, os empresarios dinheiro, e os donos de casa bôllos: genio infantil, que tão depressa se incendia nas confidencias ardentissimas da sua alma com o piano, como brinca e surri ingenuo, mais alegre pelo seu chapeo novo do que pelos seus triunfos, e capaz de responder como o pequeno de um conto hespanhol a quem perguntavam que coisa é o orgulho — «O orgulho. . ., é quando me vejo ao espelho e acho que tenho os olhos bonitos!»: um artista, emfim, porque o é, um pianista, um concertista, applaudido e festejado em Lisboa pelo melhor publico *dillettante*, o publico dos salões, victoriado tambem nos theatros pelo entusiasmo instinctivo das platéas, hoje conhecido de toda a gente e de quem toda a gente ha-de lembrar-se amanhã; Hernani, para que tudo diga, Hernani, o pequeno portuense, que, tanto como outr'ora Victor Hugo pela poesia, merece pelo dom da musica o epitheto de *enfant sublime*, deu no salão do theatro de D. Maria o seu concerto de despedida, e parte em breve para o Brasil, que de certo fará justiça ao scintilante talento, á execução vigorosa que de fórma alguma denuncia um pulso de creança, ao ardor, ao entusiasmo, e mais que tudo, á paixão,—dote que de ordinario só acompanha as almas que teem já atravessado a vida e que não apontam apenas innocentes e descuidosas no limiar da existencia. O piano debaixo d'aquelles dedinhos frageis torna-se n'uma verdadeira orchestra; são rajadas de notas que passam no teclado com a rapidez e o estremecimento de um vento de tempestade na rama das florestas. É incrível que uma creança consiga taes prodigios de execução! Que brilhante futuro deve o trabalho reservar a quem como promessa já Deus deu tanto!

Tambem de nós se despedem os campanologos, indo ao Porto *em companhia da companhia* do Gymnasio. Esta alegre familia que parece haver inventado a paciencia, e que, desde a sineta de portão de quinta até á campainha de colleira de cão, descobriu e calculou toda a gamma com tal precisão harmonica que é maravilha, tem dado ao theatrinho do Gymnasio, mesmo atravez dos calores de maio, enchentes successivas; isto deve-se em parte á certeza em que desde logo se acha o publico de que vae ouvir um instrumento muito seu conhecido e que elle proprio toca com frequencia e exito, — campainha de porta! Nasce d'esta importante circumstancia um duplo interesse,—e assim se explica tambem essa enorme affluencia, elevando-se os bilhetes da melhor platéa a oito tostões, o que é quasi o preço por que se compra. . . um sino!

Na ultima chronica Miguel Keriol,—peço aos srs. compositores que não componham *Girasol*—foi crismado em Beriol. Beriol em estyllo popular é um termo de alcoolica gravidade, que a ninguem vae menos que áquelle cavalheiro, tão excellente empregado como *sobrio particular*. É verdade que tambem eu na chronica lhe chamei activo e os srs. compositores preferiram chamar-lhe *antigo*, passando-o a veteranos sem mais attenção. O que haverás tu pensado de todas estas desattensões, meu bom Keriol!?—Peço aos srs. compositores que não componham *Caracol*!

As duas grandes novidades do mez, são o assassinato na pessoa da sua amante por um soldado da municipal,—se já a policia mata quem hade agora fazer a policia... da policia?—e o predio novo ao Passeio Publico, predio que tem estado em exposição. A toda a hora, mesmo emquanto ha sol, não cessa de estar gente parada examinando-o; outros mais curiosos ou mais felizes sobem, entram, e veem depois dar voto ácerca da excellencia das salas, das magnificas pinturas de Procopio, da elegancia de construcção, e até da belleza dos papeis que forram alguns quartos: durante este tempo, o povo ao longe, como nos bastidores de theatro, sussurra: «O terceiro andar anda em 800\$000 réis!»

Em 800\$000 réis um terceiro andar?! Assim é. Para ser admittido a entrar como inclino de semelhante propriedade, suppõe-se necessario um grande numero de condições que escapam á primeira reflexão; é muito menos difficil, como sabem, entrar para socio da academia. Faz-se idéa de que um pretendente a inclino de qualquer andar d'este predio precisa ter com o senhorio explicações as mais minuciosas. O senhorio primeiro que tudo mostra-o á sua familia e faz consulta; se o sujeito não é reprovado á simples vista, fecha-se com elle n'um gabinete, examina-o com descanço, e se o homem não tem uma phisionomia desagradavel, se tem boas maneiras, voz insinuante, e bonito cabello, manda-o sentar e pergunta-lhe quantos annos tem, como se chama, qual é a sua profissão, se é de temperamento lymphathico, ou sanguineo, bilioso ou nervoso, apalpa-lhe o pescoço, despede-o se o homem tem pescoço curto e favoravel a apoplexias, depois quer saber a que horas recolhe, que amigos tem, se fuma, se pertence á maçonaria, se usa bota cosida ou pregada etc. etc., e, no caso de o acceitar, intima-lhe suas condições não esquecendo a de estar á janella duas vezes por dia, esfregando as mãos ou cantando, para inspirar inveja a quem passa pela rua e dar valor ao predio. E o povo, ao longe, continua a sussurrar: «Oitocentos mil réis! O terceiro andar em oitocentos mil réis!!!»

JULIO CESAR MACHADO.

## CHRONICA DE MODAS



ou eu!

Não me esperavam já, não é verdade? Folheavam, folheavam a brochura, e aproximavam-se da ultima pagina, esquecendo-se totalmente da minha existencia, quando eu, que procurára um abrigo á sombra da capa amarella do folheto, saio da minha emboscada, e lhes brado com a ufanía d'uma pessoa, que tem a consciencia de cumprir religiosamente as suas promessas: «Eis-me aqui.»

Acolham-me bem ou mal, mostrem prazer ou despeito vendo-me surgir inesperadamente, o que é certo é que eu fui punctual, muito mais punctual do que se se tratasse d'um *rendez-vous*.

Mas, para lhes dizer a verdade, o termo da comparação foi mal escolhido; porque se ha coisa, em que a punctualidade da parte das senhoras seja absurda, é n'uma entrevista amorosa.

Leitoras, agrupem-se em torno do meu pendão. A divisa, que eu n'elle inscrevi, vale por si só um tratado completo d'estrategia feminina. Essa divisa é a seguinte: «Fazer-se esperar.» É este o elixir de longa vida dos namoros. Resume-se n'esta frase o segredo do nosso imperio.

Dizem-me que um sujeito romano, que vivia no tempo em que toda a gente ia a Roma e não via o Papa, pelo simplicissimo motivo de o não haver ainda, um figurão chamado Ovidio, pessoa que tinha um grande talento, e um nariz ainda maior, era tão versado em todas as manhas femininas, tão habilidoso em as desconcertar, tão experimentado em casos d'amor, que se déra ao trabalho de escrever dois livros, um intitulado *Arte de amar*, e outro *Arte de desamar*, nos quaes elle ensinava todos os preparatorios do namoro, e todas as tricas da separação. Na rede subtil, composta por elle, iam-se embrenhar todas as mosquinhas gentís, que esvoaçavam no Passeio publico de Roma, e não havia armadilha feminina, que resistisse ao sopro triumphante d'esse doutor em amores.

Vivesse elle no nosso tempo, o sr. Ovidio Nasão, e Clotilde me não chame eu, se o não fizesse assistir, durante uma noite inteira, á grandeza e decadencia da espartina das patrulhas, ao ponto dos

varredores, e á passagem dos leiteiros. Arranje-me a costureira uma cintura abominavel, se não fosse capaz de conduzir atados ao meu carro de triumpho todos os exemplares dos dois poemas, e o seu auctor *par dessus le marché*.

«Fazer-se esperar» eis as duas palavras magicas, que reduzem a nada todas as theorias de Ovidio, e dos seus sectarios.

Vem o namorado ás onze horas da noite; v. ex.<sup>a</sup>, minha gentil leitora, já está por traz dos vidros da janella contemplando os ares triumphadores com que elle chega, vê-o parar diante da casa, e esgotar todo o reportorio dos avisos lyricos convencionados; a pouco e pouco vê-o desanimar, impacientar-se, abaixar-se, apanhar uma pedra, escorregar, quem sabe? cair talvez; deixe-o cair, os trambulhões avivam o amor, e este affecto, como Anteo, toma novas forças ao tocar na terra. Vê-o depois atirar a pedrinha com mão destra e ligeira, esperar com o ouvido á escuta, passeiar com modos affectadamente distrahdos para não dar suspeitas ás patrulhas, contar as horas, que soam no relógio mais proximo, cantarolar uma aria impossivel, e bater o compasso no chão com um pé impaciente. E, depois de o ter visto afflicto, desesperado, torturado, dirigindo ás paredes gestos de imprecação, erguendo para o firmamento as mãos e o chapéu, appareça magestosa, tranquilla, serena, radiante de belleza, adoravel como a estrella que fulge apoz a cerração, e vél-o-ha ebrio d'alegria, d'alegria tanto maior quanto maior for o abysmo de desesperação, em que pouco a pouco se engolphára, e conhecerá quanto é verdadeira a maxima, que eu cifro nas duas simples palavras: «Fazer-se esperar.»

Maxima que eu ponho em pratica, como vêem, excitando a curiosidade da leitora, e demorando-me; em satisfazel-a. Tenha paciencia. Se o Purgatorio é a ante-camara do Paraiso, consintam em que este prologosinho *de ma façon* seja tambem a ante-camara do Paraiso das modas parisienses, onde vou finalmente fazel-as entrar.

Não sabem o que lá vai por França? Que agitação, que perturbação, que desordem! Os homens roubam ás senhoras o seu trajar, e as senhoras não desdenham as represalias! As fitas femininas fluctuam nos chapéus masculinos; substituem as gravatas, e o *bonnet* de pala dos tocadores de realejo vai-se poisar atrevidamente nas tranças fartas das parisienses. O sexo forte inunda de joias o seu vestuario, e o bello sexo trata de adoptar as jaquetas militares, e, o que ainda é peor, os fraques.

Eu não sei como nos salões se hão de distinguir os dois sexos. Um myope corre o seu risco de fazer uma declaração! a um elegante, e uma senhora, que tenha a mesma falta de vista, póde trocar olhares cheios de fogo com uma sua amiga de collegio, que ella não co-

nheça, vendo-a revestida do traje feminino, com as emendas masculinas.

Que mania teremos nós de ir procurar no desgraçoso fato do outro sexo um ou outro fragmento, que annexemos ao nosso, incontestavelmente mais elegante? É inexplicavel, e estes caprichosinhos estão dando direito aos homens de nos fazerem essas banalissimas accusações de leviandade, que constantemente nos dirigem.

Eu não quero dizer que não julgue gracioso o revestir-se uma ou outra vez uma senhora elegante com o fato masculino, e mostrar que a belleza, como o sol, illumina os objectos mais horrendos. Desenhe, de vez em quando, o casaco justo uma delicada cintura, e saiam do chapéu, posto *coquettement*, os anneis loiros ou negros d'um fino cabello ondeado. É original, é elegante. E Hégésippe Moreau, poeta que, como podem imaginar, eu nunca li, tinha razão em entoar, com enthusiasmo, uma canção que eu não conheço, apresso-me em dizel-o, e cujo estribilho, que eu adivinhei, diz assim:

*Oh ! qu'elle est bien !*

*Oh ! qu'il est bien !*

*Beau masque, à ce joli costume*

*Pour mon bonheur ne change rien.*

Ainda assim, quando o capricho das senhoras as levar a mascararem-se de homens, aconselhar-lhes-hia que revestissem o delicioso trajar do seculo XVIII. Um pé bonito brilha mais encerrado no mimoso sapatinho *au talon rouge* dos nossos antepassados, do que na bota grosseira dos nossos contemporaneos. Os cabellos, ligeiramente polvilhados, formam uma linda moldura a um rosto gentil, e dão um grande realce ao brilho aveludado dos olhos.

E a proposito de pós, souberam que a moda em França mostrou certas tenções de voltar aos bons tempos de Versailles e Trianon. O pó começava a introduzir-se a pouco e pouco, subtilmente (como é natural) sorrateiramente, apresentando-se primeiro sob um aspecto doirado, com o modesto e despretencioso fim de dar mais esplendor ás tranças loiras das senhoras. Comtudo a moda parou de repente n'esse caminho retrogrado, e sentiu-se possuida d'uma subita sympathia pelos cabellos ruivos. Actualmente é moda em França ser ruiva. A Adriana de Cardoville de Eugenio Sue teve uma reabilitação posthuma.

Mas o que ha de fazer quem não fôr ruiva? pergunta a leitora. O que ha de fazer? Tingir o cabello; a moda dá essa authorisação; é horrivel, não é verdade?

Ah! que se essa despotica soberana não apresentasse, para com-

pensar os seus abusos de poder, uma nova e deliciosa fazenda de verão não sei se lhe perdoaria. Mas que remedio ! se os seus caprichos ás vezes são tão incantadores !

A nova fazenda tem sido baptisada por differentes maneiras. Uma vez chama-se tafetá da China, outras vezes *foulard* do Japão, outras vezes tecido mexicano. E sabem por fim de contas o que é este tecido mysterioso que só quiz acceitar cartas de naturalisação em differentes imperios, e que esteve á espera da decisão do archiduque Maximiliano para receber o terceiro baptismo ? É simplesmente pello de cabra, muito largo, muito fino, muito sedoso, muito brilhante, macio e forte ao mesmo tempo, e sempre ligeiro; emfim o bello ideal das fazendas de estio.

Esta fazenda ha de se usar muito na calida estação, como se póde imaginar que succederá a uma novidade; tambem não hão de ser desprezados os vestidos brancos, com enfeites pretos de veludo e rendas, ou enfeites de tafetá de côres vivas.

As sombrinhas estão classificadas por dimensões. A sombrinha marquezita só anda de carruagem, é toda pequenina e mimosinha, guardada de rendas. A sombrinha, que anda a pé, é um pouco maior; as côres adoptadas são cinzenta, branca ou *havana*.

Os chapéus redondos continuám a usar-se para o campo, porém mais compridos adiante e atraz, e mais curtos dos lados.

Conclui. Eu restringi-me d'esta vez, porque tinha immensas coisas que noticiar. Não quero ser infractora da regra da rhetorica moderna que ordena: «Fallar muito, quando não ha nada que dizer.»

CLOTILDE Z.